

IPHAN

DOSSIÊ IPHAN I { Círio de Nazaré }









DOSSIÊ IPHAN I { Círio de Nazaré }

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
Gilberto Gil Moreira

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

CHEFE DE GABINETE
Thays Pessotto Zugliani

PROCURADORA-CHEFE FEDERAL,
INTERINA
Tereza Beatriz da Rosa Miguel

DIRETORA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Márcia Sant'Anna

DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL
E FISCALIZAÇÃO, INTERINO
Cyro Corrêa Lyra

DIRETOR DE MUSEUS
E CENTROS CULTURAIS
José do Nascimento Junior

DIRETORA DE PLANEJAMENTO
E ADMINISTRAÇÃO
Maria Emília Nascimento Santos

COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA,
DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA
Lia Motta

COORDENADORA-GERAL DE PROMOÇÃO
DO PATRIMÔNIO CULTURAL
Grace Elizabeth

SUPERINTENDENTE REGIONAL
NO PARÁ E AMAPÁ
Maria Dorotéa de Lima

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL
SBN Quadra 2 Bloco F Edifício Central Brasília
Cep: 70040-904 Brasília – DF
Telefones: (61) 3414.6176, 3414.6186, 3414.6199
Faxes: (61) 3414.6126 e 3414.6198
<http://www.iphan.gov.br> webmaster@iphan.gov.br

Elaboração do dossiê para Registro do Círio de Nazaré

EQUIPE TÉCNICA IPHAN

DEPARTAMENTO DO
PATRIMÔNIO IMATERIAL
Supervisão

Ana Cláudia Lima e Alves – *gerente de registro*
Ana Gita de Oliveira – *gerente de identificação*
Maria das Dores Freire – *consultora*

APOIO
Fabiola Nogueira Gama Cardoso

2ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
Coordenação-geral
Maria Dorotéa de Lima

APOIO ADMINISTRATIVO
Sirley Nascimento Santana
Raimundo Nonato Cardoso
Lucimar Florêncio de Castro

REVISÃO E ORGANIZAÇÃO
DOS REGISTROS AUDIOVISUAIS
Nívia de Moraes Brito

EQUIPE EXTERNA
Consultoria de antropologia
Raymundo Heraldo Maués

ELABORAÇÃO DO TEXTO
Márcio Couto Henrique
Maria Dorotéa de Lima
Raymundo Heraldo Maués

FOTOGRAFIAS E REGISTROS
AUDIOVISUAIS
Luiz Braga
Kâmara Kó – *reprodução imagens antigas*
Acervo da Diretoria da
Festividade de Nazaré
Fotos INRC/Círio – 2ª SR/Iphan

IMAGENS ANTIGAS
Museu da Universidade Federal do Pará
Museu do Círio
Arquivo Público do Pará

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico/RJ
Basílica de Nazaré
Cúria Metropolitana
Coleção Particular Victorino
Chermont de Miranda

PESQUISA ICONOGRÁFICA
Flávio Nassar
Coaracy Luana do Carmo Elleres
Ana Carolina Sarmento Ferreira
Maria Luiza Faria Nassar
Tatiana Lima

PESQUISA HISTÓRICA E CRONOLOGIA
Claudia Aline Pires
Elielson Rodrigues da Silva
Gilmar Matta da Silva
Márcio Couto Henrique
Paulo Roberto Rodrigues Benjamin

APOIO
Arquidiocese de Belém
Arquivo Público do Pará
Basílica de Nossa Senhora de Nazaré
Biblioteca Arthur Vianna
Diretoria da Festividade de Nazaré
Grêmio Literário Português
Instituto Histórico e Geográfico
Museu da Universidade Federal do Pará
Museu do Círio
Sol Informática

Inventário Nacional de Referências Culturais do Círio de Nazaré

CONSULTORIA DE ANTROPOLOGIA

Raymundo Heraldo Maués

SUPERVISOR DE EQUIPE

Josimar Azevedo

PESQUISADORES

Elielson Rodrigues da Silva

Gilmar Matta da Silva

Márcio Couto Henrique

Paulo Roberto Rodrigues Benjamin

ASSISTENTES DE PESQUISA

Altina Marques de Almeida

Joilma Alves de Castro

REVISÃO DE FICHAS

Carmen Sílvia Viana Trindade

Gilmar Matta da Silva

Isis Jesus Ribeiro

Paulo Roberto Rodrigues Benjamin

INSERÇÃO DAS INFORMAÇÕES

NO BANCO DE DADOS

Carmen Sílvia Viana Trindade

Isis Jesus Ribeiro

Edição do Dossiê

GERENTE DE EDITORAÇÃO DO IPHAN

Ana Carmen Amorim Jara Casco

EDIÇÃO DE TEXTO

Regina Stela Braga

REVISÃO DE TEXTO

Graça Mendes

Grace Elizabeth

Regina Stela Braga

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO

Fernanda Garcia

Fernanda Mello

FOTOGRAFIAS QUE NÃO

INTEGRAM O DOSSIÊ ORIGINAL

Francisco Costa

PARCERIA INSTITUCIONAL PARA

A EDIÇÃO DESTE DOSSIÊ

Instituto Brasileiro de Educação

e Cultura – Educarte

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Antonio Augusto Arantes Neto

Cristovão Fernandes Duarte

Miriam de Magdala Durço de Carvalho

Silvana Lima

Teresa Carolina Frota de Abreu

IMPRESSÃO

Imprinta

Ficha Técnica Círio

REGISTRO DO CÍRIO DE NOSSA SENHORA
DE NAZARÉ, NA CIDADE DE BELÉM/PA

Processo nº 01450.010332/2004-07

PROponente:

Arquidiocese de Belém/PA e Diretoria da Festa do Círio

DATA DE ABERTURA DO PROCESSO:

17/12/2001

Pedido de Registro aprovado na 44ª reunião
do Conselho Consultivo, em 30/09/2004

Inscrição no Livro de Registro das Celebrações,
em 05/10/2004

PÁGINA 4

DETALHE BRINQUEDOS

DE MIRITI

VENDIDOS DURANTE

O CÍRIO. FOTO:

FRANCISCO COSTA.

PÁGINA 8

DETALHE VENDEDOR

DE CATAVENTOS.

FOTO: FRANCISCO

COSTA.



Ministério
da Cultura





*“Meu filho vê aquela claridade
É a cidade na escuridão
O barco singra as águas e pulsa feito um coração
Cheio de alegria
Bálsamo, bênção
O círio de Nazaré
Tu verás será menino algo pra não se esquecer
pra colar no teu caminho
feito o som de uma viola que te fez chorar baixinho
Quando vires a senhora ficarás pequenininho.”**

(*) Cf. *Círios*, letra de Vital Lima e Marco Aurélio. CD *Canto vital*, Belém, Basa, s/d.



SUMÁRIO

A HISTÓRIA

- 11 O Círio é uma parada na vida
- 14 A promessa e o milagre
- 16 Um culto popular
- 19 Festa religiosa ou festa profana?
- 22 O Primeiro Conflito:
a questão nazarena
- 24 O Segundo Conflito:
a questão da *corda*
- 26 O Terceiro Conflito:
a questão dos padres e posseiros
do Araguaia

O CÍRIO CONTEMPORÂNEO

- 29 Lá vem vindo a procissão
- 31 A *corda* e a *berlinda*
- 33 O milagre da barca e a *marujada*
- 35 Nos carros, as alegorias
- 36 A missa do mandato
- 37 Visitas da santa aos fiéis
- 38 Traslado da imagem
para Ananindeua

- 40 Uma procissão de carros, motos
e bicicletas
- 42 Procissão pelo rio
- 43 Procissão dos motoqueiros
- 44 A celebração da descida
- 45 Revivendo as “fugas” da imagem
- 46 O terço da alvorada
- 47 O Círio das crianças
- 48 Encerrando a festa
- 50 A festa e seu arraial
- 53 Almoço do Círio, o Natal
dos paraenses
- 56 Um espetáculo de cultura
popular
- 57 Lá vem vindo o arrastão
- 58 A festa das filhas da Chiquita
- 60 Computadores para as
melhores redações
- 60 Instrumentos musicais para as
melhores canções
- 61 A feira de brinquedos de miriti
- 62 Organização e gestão do Círio

O CÍRIO COMO OBJETO DE REGISTRO

- 67 Registro de memória, tradição
e identidade
- 71 Elementos essenciais

76 CONCLUSÃO

78 NOTAS

80 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

82 ANEXO I O Território do Círio

84 ANEXO II Linha do Tempo

A HISTÓRIA



PROMESSEIROS
NA CORDA.
FOTO: LUIZ BRAGA.

PÁGINA AO LADO
DETALHE DE CARTAZ,
MILAGRE DE D. FUAS
ROUPINHO, 1924,
ACERVO DE BASÍLICO
DE NAZARÉ.



Há 211 anos, o estado do Pará, mais particularmente a capital, Belém, literalmente pára por ocasião do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. No chamado dia do Círio, o trânsito é interdito nas ruas centrais da capital, as lojas fecham, as ruas pelas quais a procissão passa são profusamente decoradas, janelas, portas e sacadas são ocupadas pelos moradores atentos à passagem da imagem da santa. Muitos chegam até a comprar roupa nova para vestir no dia do Círio. Nas palavras de Angelim Netto, “trabalha-se no Pará o ano todo, sofrendo as necessidades, para em outubro vestir uma roupa nova e almoçar como um príncipe no dia do Círio. O Pará, sem a festa de Nazaré, não seria Pará”.¹

A origem do Círio e da Festa de Nazaré está envolta em lendas ou mitos, que se misturam a fatos

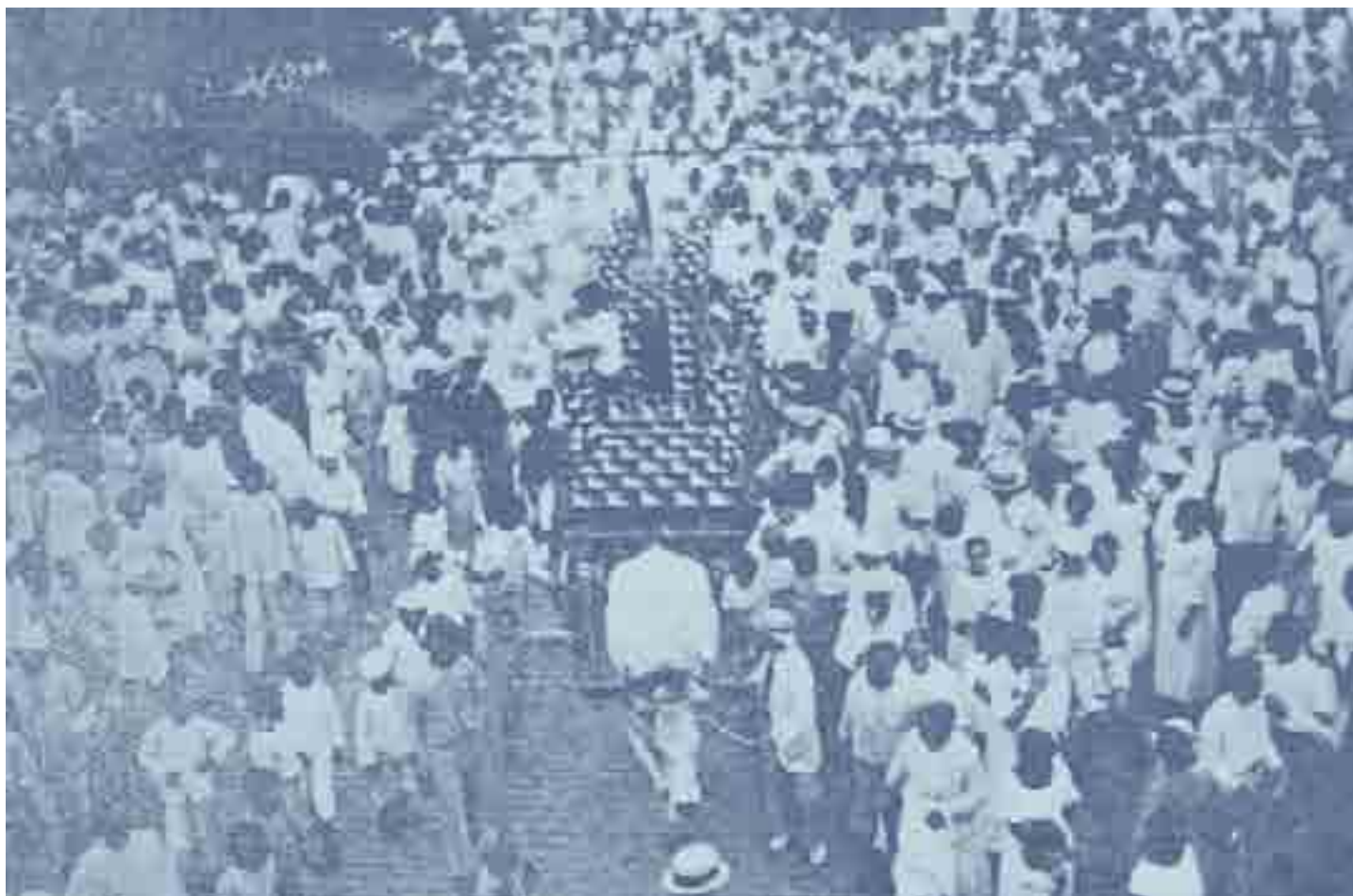
O CÍRIO É UMA PARADA NA VIDA

históricos. É difícil separar o mito da história apoiada em documentos. Sabe-se que a devoção à Nossa Senhora de Nazaré começou, no Brasil e no Pará, em uma localidade denominada Vigia (hoje sede de município) e de lá deve ter atingido a capital, Belém.

Por volta de 1700, reza a tradição, caminhava nas matas da então tortuosa estrada do Utinga,

hoje avenida Nazaré, em Belém do Pará, um caboclo agricultor e caçador chamado Plácido José dos Santos.² Levado pela sede, acabou descobrindo entre pedras cobertas de trepadeiras, às margens do igarapé Murutucu (localizado atrás da atual Basílica de Nazaré), uma espécie de nicho natural com uma pequena imagem da Virgem de Nazaré (a imagem, hoje tida como a *original*, tem 38,5 centímetros de altura). Plácido levou-a para casa e, no dia seguinte, ao acordar, viu que havia desaparecido. Assustado, correu até o local onde a encontrara e percebeu que a imagem havia “voltado” para o mesmo lugar.

O fenômeno repetiu-se várias vezes, até que o governador da época (a lenda não esclarece o seu nome) mandou que a imagem fosse levada para a capela do Palácio do



Governo, onde ficou guardada pelos soldados, que passaram a noite em vigília, para impedir que alguém ali penetrasse ou de lá saísse. Mas, no dia seguinte, a santa foi de novo encontrada às margens do igarapé, no mesmo lugar para onde sempre retornava, com gotas de orvalho e carrapichos presos a seu manto, numa “prova” da longa caminhada

através da estrada: a santa “viva” novamente se locomovera por seus próprios meios.

Para atender aos desejos da santa, Plácido resolveu então construir uma pequena ermida para abrigar a imagem. A notícia do “milagre” espalhou-se rapidamente, atraindo para a palhoça do caboclo os lenhadores seus vizinhos e os habitantes da

cidade que, de curiosos, passaram a engrossar as fileiras dos devotos da santa milagrosa. A cada ano aumentava o número dos que iam até a cabana do caboclo a fim de ofertarem *ex-votos* – objetos de cera representando membros do corpo humano, muletas ou retratos, forma utilizada pelos fiéis para demonstrar o reconhecimento por graças alcançadas – aos pés do altar.



IMAGEM ORIGINAL
DE NOSSA SENHORA
DE NAZARÉ, COLEÇÃO
MANUEL BARATA,
IHG RIO DE JANEIRO.

PÁGINA AO LADO
CARRO DO FOGUETES
DURANTE A
PROCISSÃO, REVISTA
“A SEMANA”, 1921.

Nas peregrinações sobressaíam-se os círios ou velas de cera que, tal como em Portugal, depois passaram a denominar a própria procissão feita em homenagem à santa.

O primeiro bispo do Pará, Dom Bartolomeu do Pilar (que esteve à frente do bispado do Pará entre 1721 e 1723), visitou a modesta ermida da santa e incentivou a devoção iniciada pelo caboclo Plácido. Entre 1730 e 1774 construiu-se outra ermida. Para o antropólogo Raymundo Heraldo Maués, a aproximação das autoridades religiosas da devoção à Virgem de Nazaré em Belém – e também em Vigia – marcaria “o início do controle eclesiástico sobre essa devoção popular, que se acentuou em 1793, quando o quinto bispo do Pará, Dom João Evangelista, que também visitou

a imagem de Plácido, oficializou a devoção, colocando Belém sob a proteção de Nossa Senhora de Nazaré”.³

O Círio de Nazaré é um acontecimento que envolve, direta ou indiretamente, toda a população paraense, estendendo sua influência para além dos limites do estado do Pará. Apesar da existência de Círios de Nazaré em outros municípios do Pará e mesmo em outros estados do Brasil, nenhum deles possui a amplitude que o Círio de Nazaré alcança em Belém, configurando-o como um dos fenômenos religiosos mais importantes do Brasil. Assim, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, é muito mais do que um mero fenômeno religioso, podendo ser observado e compreendido sob diversos pontos de vista: religioso,

estético, turístico, cultural, sociológico, antropológico etc.

A devoção pela santa é parte do cotidiano dos paraenses. Está presente nos pequenos altares domésticos, no movimentado Mercado do Ver-o-Peso, nas bancas de peixe, nos supermercados, em bancos, instituições governamentais e meios de comunicação. Nossa Senhora de Nazaré chega a ser chamada carinhosamente por muitos devotos de “Tia Naza” ou mesmo “Nazica”, o que evidencia a relação direta estabelecida entre o devoto e a Virgem, fenômeno recorrente nas devoções populares no Brasil. ■



FIEL COM RÉPLICA DA
BERLINDA NA CABEÇA.
FOTO:
FRANCISCO COSTA.

A PROMESSA E O MILAGRE

Etimologicamente, a expressão “círio”, do latim *cereus*, significa uma grande vela de cera. Em Portugal, os círios representavam um ajuntamento de pessoas que se organizavam para, em romaria, ir ao Santuário de Nossa Senhora de Nazaré. Posteriormente, as velas de cera ou círios levados pelos romeiros nessas peregrinações passaram a denominar a própria romaria.⁴

De origem portuguesa, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré tem uma longa história. Diz-se em Portugal que a imagem que deu origem a esse culto foi esculpida por São José, tendo a própria Virgem por modelo, e teria sido pintada por São Lucas. Depois de muitas idas e vindas, nos primeiros anos do cristianismo, esta imagem chegou às mãos de São Jerônimo e de Santo Agostinho, tendo ido parar na Península Ibérica e depois nas mãos do monge Romano e do rei Rodrigo, dos visigodos, derrotado pelos mouros na batalha de Guadalete. Abandonada numa gruta pelo rei fugitivo, a imagem ficou perdida durante séculos, até ser encontrada por pastores, reavivando-se o seu culto a partir do século XII, depois do famoso milagre de D. Fuas Roupinho, fidalgo português salvo de cair num

abismo por intercessão de Nossa Senhora de Nazaré. O fidalgo, agradecido, passou a propagar a devoção em Portugal.

A primeira “parada na vida” dos paraenses proporcionada pelo Círio de Nazaré ocorreu em 1793. Dois anos antes, o então presidente da Província do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, ávido por fomentar o comércio regional paraense, resolveu organizar uma grande feira na qual os produtos agrícolas e extrativistas de toda a província seriam expostos e comercializados. Estrategicamente, Sousa Coutinho determinou que a feira deveria ocorrer no final do segundo semestre de 1793, na mesma época em que os devotos costumavam homenagear a Virgem de Nazaré.

A oficialização da devoção pela Igreja e a feira organizada pelo

BERLINDA MODERNOZA,
COLEÇÃO
VICENTE SALLES,
MUSEU DA UFPA.



presidente da província ocorreram no mesmo ano, o que demonstra um indício da popularidade da devoção à imagem, bem como evidencia a preocupação dos poderes instituídos, Estado e Igreja, no sentido de exercer o controle sobre ela. Alvo das atenções e dos interesses da Coroa e da Igreja, a devoção popular à Nossa Senhora de Nazaré caminhava para uma futura institucionalização.

Em junho de 1793, pouco antes da feira, o presidente da província adoeceu e fez uma promessa: se recuperasse a saúde e pudesse inaugurar a grande feira, levaria a imagem até o palácio do governo e, de lá, esta seria conduzida, em procissão, de volta à igreja. Sousa Coutinho se recuperou e, no dia 8 de setembro de 1793, cumpriu a promessa feita.

O primeiro Círio foi acompanhado por quase dois mil soldados, além da população civil de Belém e do interior da província.

Participavam ainda do cortejo, além do presidente da província, os vereadores da Câmara e o vigário geral, substituindo o bispo, que viajara para Portugal. À frente, desfilava um esquadrão de cavalaria com seus clarins, anunciando ao povo a aproximação do cortejo. Ao centro, fidalgos a cavalo formavam alas, entre as quais desfilavam as grandes damas locais, sentadas nas almofadas de seus palanquins.

Naquele primeiro Círio a imagem da santa foi transportada no colo do vigário geral, em um carro puxado por juntas de bois, como se fazia em Portugal. Quando o cortejo chegou à ermida da santa, foi rezada uma missa, após o que o

presidente da província inaugurou a feira que mandara montar no arraial. Foi também lançada, solenemente, a pedra fundamental da igreja de pedra e cal que deveria ser erguida no lugar da ermida, sob a responsabilidade da irmandade de Nossa Senhora de Nazaré.⁵ Esse primeiro Círio revivia a lenda: a imagem da santa, levada na véspera para a capela do Palácio do Governo, refazia seu caminho mítico, no dia seguinte, até o local do primitivo achado. Ainda hoje esse movimento de ir e vir da imagem da santa repete-se nas procissões da *trasladação* e do Círio, a primeira antecedendo a segunda, do mesmo modo que foi realizado por Souza Coutinho. ■

PROMESSEIROS
NA GORDA. FOTO:
FRANCISCO COSTA

UM CULTO POPULAR



A origem dos fogos no cortejo parece ser mais antiga do que a alegoria do castelo medieval que passou a ser mais tarde o *carro dos fogos*, em substituição aos clarins de cavalaria. Tanto os clarins, como os fogos, tinham a finalidade explícita de anunciar ao povo, que a aguardava, a aproximação da romaria e, ao mesmo tempo, servir de guia aos que conduziam a *berlinda*, quanto ao adiantamento da vanguarda da procissão. Fazendo uma analogia com os préstitos carnavalescos, era também uma espécie de “abre-alas” ou “comissão de frente”.

O *carro dos fogos* foi introduzido no Círio de Belém no ano de 1826, pelo presidente da província do Pará, Félix Pereira Burgos.⁶ Em 1983, sob a alegação de que os fogos de artifício causavam muitos acidentes, a diretoria da festividade

resolveu suprimir esse carro. Mas a presença dos fogos de artifício nos círios é algo essencial e faz parte das homenagens que a santa recebe durante a realização do préstito.

Apesar de a motivação do Círio de Nazaré ter tido inicialmente um cunho institucional, tendo sido utilizada pelos poderes constituídos como forma de afirmar seu poder, de desfilar sua autoridade, nunca deixou de expressar os diferentes segmentos que compõem a sociedade. Ao longo dos anos, índios, negros, brancos, mulatos e outros mestiços elaboram estratégias para impregnar o ritual de representações de sua cultura específica, de significados muitas vezes alheios a políticos e padres.

Segundo Arthur Vianna, dos longínquos sertões da província do Pará vieram, para o primeiro Círio, índios de diversos grupos,

FIEL COM PEDAÇO DA
CORDA NO FINAL
DA PROCISSÃO. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

mestiços de todos os cruzamentos, modificando a fisionomia das ruas da capital. Nas barracas de palha organizadas pelo presidente da província podia-se encontrar, para a alegria dos comerciantes, cacau, baunilha, guaraná, urucu, tabaco, pirarucu salgado, além de utensílios da cultura material indígena.⁷

A relação entre Círio e comércio é bem antiga. No século XIX, a proximidade do Círio aumentava a procura por fogos, velas, tecidos e outros adereços, o que não passava despercebido pelos comerciantes da época, que aproveitavam a oportunidade para aumentar seus lucros graças ao fervor religioso dos devotos. Nesse sentido, Fonseca Coutinho e Cia. procuravam convencer os devotos da importância de sua fábrica de cera “pelos meios que doravante



proporciona a qualquer Irmandade, de poder comprar cera legítima por preços mais cômodos do que os de Lisboa”. Na fábrica de cera, os devotos poderiam encontrar velas de todos os tamanhos, além de *ex-votos* (reproduções em cera de órgãos do corpo humano ou de objetos que são oferecidos em agradecimento a um milagre ocorrido) de todos os feitios. Na loja havia grande sortimento

de tintas finas vindas da Europa, apropriadas para retoque de retratos e *encarnação* (pintura) dos santos. Manoel da Costa Val, com sua oficina de batineiro e alfaiate, atendia ao clero com “fazendas próprias para batinas e outros misteres sacerdotais”⁸.

Desde o início era íntima a relação entre os negócios da fé e os negócios do comércio no Círio de Nazaré. A preocupação das



A EMOÇÃO DOS FIEIS
DIANTE DA IMAGEM DE
NOSSA SENHORA
DE NAZARÉ. FOTO:
FRANCISCO COSTA

autoridades constituídas com a moralidade que deveria acompanhar os devotos e comerciantes em todo o evento sempre foi grande. Ao anunciar a feira de produtos regionais, o presidente da província recomendava que os diretores da província só permitissem a vinda de índias solteiras se acompanhadas de seus pais, e das casadas, em companhia dos maridos.⁹

Outro aspecto que marca também o Círio de Nazaré desde suas origens é a sua extrema popularidade. Apesar da iniciativa de o primeiro Círio ter partido de um governante, historicamente a procissão representa o predomínio de uma romaria de origem popular sobre as fórmulas tradicionais de origem oficial. O Círio de Nazaré não se firmou em função do prestígio oficial que o cercou

desde o início, mas se impôs por si mesmo, graças à decisiva participação popular e à recusa dos devotos em transformar sua principal manifestação religiosa em “ciriódromo”, com hora certa de saída e tempo exato de chegada, na curiosa expressão de Flávio Nassar.¹⁰

Contribuíram para esta popularidade as muitas lendas em torno da imagem da santa (seu achado na mata por um simples caçador, suas “fugas” etc.), bem como os muitos milagres que lhe são atribuídos. É como se a atitude da própria imagem simbolizasse o espaço de transgressão que marcaria o Círio ao longo de sua história. Afinal, a própria santa teria se recusado a ficar encarcerada no ostentoso palácio do governo, cumprindo ordens do presidente da província,

preferindo a simples ermida construída por Plácido, onde poderia dedicar sua atenção a todos os devotos.

A própria condição humilde e popular dos dois primeiros guardiões dessa imagem, o caboclo Plácido e o devoto Antônio Agostinho¹¹, ambos pobres e mestiços, contribuiu para a popularização do culto. Quando da realização do primeiro Círio, a imagem estava sob a guarda de Antonio Agostinho, posto que Plácido já havia morrido. Por outro lado, não se pode negar que a pompa e o caráter oficial que depois passou a ter a procissão também contribuíram para o maior esplendor da festa, atraindo ainda mais a multidão de devotos. ■

FESTA RELIGIOSA OU FESTA PROFANA?

A PROCISSÃO NA
DOCA DO VER-O-PESO.
FOTO:
FRANCISCO COSTA.

Deve-se entender os elementos do sagrado e do profano que marcam o Círio de Nazaré como fruto de uma relação e não como elementos opostos. A fronteira entre um e outro é, muitas vezes, quase imperceptível. Os conflitos oriundos desta relação não fazem mais do que demonstrar formas diferenciadas de conceber a religiosidade entre devotos e clérigos. Não podem ser esquecidas, ainda, as motivações e oportunidades profanas que a festividade proporciona, como espaço de sociabilidade. Muitos noivados e casamentos começaram nas festas do arraial, já que os pais aproveitavam o Círio para apresentar a beleza de suas donzelas e o vigor dos filhos moços.

O Círio também sempre representou tempo de mesa farta, de bebida abundante, ocasião para



DETALHE BRINQUEDO
DE MIRITI. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



jogos de azar e brinquedos no parque de diversões. A própria festividade funcionou originariamente como feira de produtos regionais. Em suma, a festa também faz parte da homenagem dos devotos à santa, já que, além de lhes agraciar com o milagre, ela ainda os brinda com música, dança, espetáculo.¹²

O Círio é uma procissão especial, que não aparece em todas as festas de santos. Em suas origens lusitanas, já no século XVIII, os círios apresentavam mais um caráter de espetáculo, organizados por corporações religiosas que, em setembro, durante a festa anual da santa, dirigiam-se à vila de Nazaré. Na ocasião do desfile dos círios, o povo se juntava para apreciar sua passagem, em meio ao repique dos sinos e ao foguetório.¹³

Ao longo do tempo, o Círio de Nazaré, em Belém, sofreu diversas modificações: quanto à data e ao horário de realização; e quanto à organização do cortejo, ao qual foram agregados diversos elementos novos e alegorias, embora seu itinerário tenha se mantido sem grandes alterações. No início, não havia data certa para a festa, podendo esta ser realizada em setembro, outubro ou novembro. A romaria era vespertina e até mesmo noturna, daí o uso de velas. A partir de 1854, em função das chuvas que comprometeram o Círio no ano anterior, a procissão passou a ser realizada no horário matinal.

Entre 1793, data do primeiro Círio, e 1882, o cortejo saía do palácio do governo. Em 1882, o bispo Dom Macedo Costa (que esteve à frente do bispado do Pará entre 1861 e 1890) e o presidente

da província Justino Ferreira decidiram que a procissão sairia não mais do palácio do governo, mas da Catedral da Sé.

Dom Macedo Costa foi um árduo defensor do fim do regime do padroado, que colocava a Igreja Católica sob os auspícios da monarquia portuguesa, e também um ferrenho lutador contra a autonomia dos devotos do catolicismo popular. Estes fatores podem tê-lo motivado a transferir a saída da procissão para a Catedral da Sé, favorecendo seu controle sobre ela. Em 1901, o bispo Dom Francisco do Rêgo Maia fixou o segundo domingo de outubro como a data oficial do Círio. No ano de 1973, quando era governador do Pará o engenheiro Fernando Guilhon, o Círio saiu novamente da Capela do Palácio, que havia sido restaurada.

DETALHE BANCA DE
VENDA DE BRINQUEDOS
DE MIRITI. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



Uma única vez, em 1891, o Círio saiu da igreja de Santo Alexandre, também localizada na praça da Sé.¹⁴

Nos primeiros círios realizados em Belém a imagem da santa era conduzida no colo dos bispos, sendo mais tarde introduzida a *berlinda*, no interior da qual ficava a imagem, que era transportada num carro puxado por juntas de bois. Em certos anos, quando o Círio percorria a área do mercado Ver-o-Peso, havia dificuldade para o carro passar por causa da água que transbordava da baía, inundando e enlameando a rua, que não possuía calçamento. Por isto surgiu a idéia, em 1855, de passar uma grande corda em volta da *berlinda*, para que o povo pudesse ajudar a puxá-la, a fim de que o carro transpusesse melhor o atoleiro. Somente 13 anos depois a *corda* foi oficializada pela diretoria

da Irmandade de Nazaré, adotando-se também outras medidas que restringiam o uso de carros, cavalos e foguetes no cortejo.

Estas medidas, que agradaram à maioria do povo, provocaram, porém, certo descontentamento entre pessoas abastadas, pois significavam simplificação e “empobrecimento” da procissão. Mais tarde surgiram muitas polêmicas por causa da *corda*, que um bispo da primeira metade do século XX – Dom Irineu Joffily – tentou suprimir, provocando uma grande reação popular. Depois, a *corda* perdeu a finalidade inicial, passando a ser utilizada somente para separar o “núcleo estruturado”, no qual iam a *berlinda*, as autoridades e os convidados, da “massa indiferenciada” que acompanhava o Círio.¹⁵ Hoje, até mesmo essa função da *corda* desapareceu.

Também em 1855 irrompera em Belém a epidemia de cólera, trazida pela galera Defensor, vinda de Portugal com 304 passageiros, sendo que 36 destes morreram na travessia. Os doentes caíam nas ruas e nas igrejas, famílias inteiras eram contaminadas. A epidemia grassava sem poupar uma casa; as embarcações ficavam ao léu, pois tripulações eram dizimadas; o comércio fechava as portas. O bispo Dom José Afonso de Moraes Torres promoveu orações, recitações de terços, bênçãos do Santíssimo, recomendando sempre a confiança em Nossa Senhora de Nazaré, celebrada mais uma vez naquele ano, apesar da epidemia, que só seria debelada alguns meses depois, em fevereiro de 1856.¹⁶ ■

O PRIMEIRO CONFLITO: A QUESTÃO NAZARENA

No final do século XIX o *Diário de Belém* fez uma denúncia que teve grande repercussão, dando início à chamada *questão nazarena*. Segundo o jornal, numa das noites do arraial da santa foram apresentados quadros com “representações indecorosas” (mulheres despidas). A reação das autoridades religiosas veio rápida. Em outubro de 1877, o bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, suspendeu as funções religiosas da Festa de Nazaré e fechou a porta da ermida. O fato teve grande repercussão, na cidade e no interior, sendo a atitude do bispo duramente criticada, sobretudo pela imprensa liberal.

Apesar da proibição, o povo, instigado por membros da Irmandade de Nazaré (que era responsável, na época, pela organização do Círio e da Festa),

abriu por conta própria a porta da ermida, apoderando-se dos instrumentos de celebração, acendendo velas e lustres, tocando os sinos, para em seguida entoar, “com todo o recolhimento, uma ladainha que era acompanhada por grande número de pessoas, ajoelhadas até na rua”¹⁷.

A *questão nazarena* prolongou-se até o ano de 1880, envolvendo uma disputa entre a autoridade eclesiástica e a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, da qual faziam parte alguns membros da maçonaria, e cuja legitimidade era contestada por Dom Macedo Costa. Na época estava sendo concluída a construção da igreja que deveria substituir a antiga ermida, sendo que a disputa se fazia também pelo controle do novo templo, que a irmandade desejava manter sob sua guarda. Além das *ladainhas civis*

foram também realizados dois *círios civis*, em 1878 e 1879, sem a participação do clero e das autoridades religiosas.

A questão chegou a repercutir no Senado do Império, provocando debates inflamados. O governo provincial, a princípio, deu todo apoio à irmandade, desconsiderando, de várias formas, a autoridade religiosa. O impasse, entretanto, chegou ao fim pela mediação do próprio presidente da província, José Coelho da Gama e Abreu, o barão de Marajó¹⁸, com a criação de uma comissão para organizar a festa, formada por confreiros e religiosos, nomeada pelo bispo.

A partir de então, a irmandade começou a perder o poder de decisão que tinha sobre a organização do Círio. Uma das conseqüências desse declínio foi

PROCISSÃO DO
CÍRIO NO LARGO
DE SANT'ANA,
ACERVO IMGB -
RIO DE JANEIRO.

ABAIXO:
CONSTRUÇÃO DA
BASÍLICA DE NAZARÉ.



um crescente distanciamento espacial entre o povo e a imagem da santa durante a procissão, devido ao gradual aparato “disciplinador” que marca a romaria nos dias de hoje (*diretoria da festa*, em 1910 e *guarda da santa*, criada em 1974, por exemplo). A ação centralizadora do prelado paraense fazia parte do processo conhecido como *romanização*, que marcou, a partir de meados do século XIX,



as relações entre Igreja e Estado, bem como entre Igreja e adeptos do catolicismo popular. O objetivo era sintonizar a Igreja brasileira com as diretrizes da Santa Sé, situada em Roma, daí o termo *romanização*.¹⁹

O episódio ilustra uma das situações de aliança, oposição e conciliação entre Igreja e Estado, em relação aos interesses religiosos dos leigos (estes mesmos diferenciados, por sua condição de classe e *status*, no conjunto da sociedade). A separação entre Igreja e Estado no Brasil republicano, marcando o fim do regime de padroado, não significou, por sua vez, o fim dos conflitos, que se estenderam ao longo do século XX. ■

O SEGUNDO CONFLITO: A QUESTÃO DA CORDA

Esta foi outra situação conflituosa envolvendo o Círio, no final da década de 1920. Acusada de responsável pelo atraso da procissão, a *corda* conduzida pelos promesseiros que circundavam a *berlinda* da santa foi muitas vezes desatrelada desta para antecipar a chegada da imagem da santa à Basílica de Nazaré.

As primeiras tentativas de supressão da *corda* ocorreram no âmbito de uma espécie de segunda *questão nazarena*, entre 1926 e 1931, e estavam relacionadas à separação entre a Igreja e o Estado e ao período de transição entre a Velha e a Nova República. O episódio estava ligado aos esforços romanizadores de Dom Irineu Joffily (que ocupou o arcebispado do Pará entre 1925 e 1931), o qual, alegando normas emanadas da Sagrada Congregação dos Ritos,

introduziu uma série de mudanças no Círio de Nazaré, visando a transformá-lo numa procissão devota, com a participação ordenada de associações religiosas, orações e cânticos pios.

Os aspectos mais polêmicos das reformas diziam respeito à abolição da *corda* e à abolição do próprio carro que a conduzia, sendo este transformado em andor, carregado nos ombros dos fiéis. Apesar da forte reação popular e de uma parte da imprensa, as modificações foram mantidas, com apoio do governador do estado, Dionísio Bentes, que colocou a polícia nas ruas para garantir, de forma até mesmo violenta, o cumprimento das ordens do arcebispo.

A questão só foi resolvida depois da Revolução de 1930, quando assumiu a intervenção do estado o então tenente Magalhães Barata

PÁGINA AO LADO
CARICATURA SOBRE A
FESTA DO CÍRIO,
JORNAL "O PURAQUÊ",
1878.

que, colocando-se ao lado das manifestações populares e manipulando-as em benefício político, assumiu a causa da volta do "Círio tradicional". A renúncia de Dom Irineu Joffily, em julho de 1931, alegando motivos de saúde, levantou a hipótese de que o motivo também estivesse ligado ao conflito que se estabelecera entre as autoridades laica e eclesíastica.

Com a mediação do interventor, entretanto, foram feitos apelos, pelo governo brasileiro, ao núncio apostólico, ao cardeal do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme e ao Vaticano, por intermédio do Ministério do Exterior, pelo retorno da forma do Círio tradicional, com a *corda* e a *berlinda*. A questão passou a ser integralmente assumida pelo Estado, num sentido de conciliação. Em outubro de 1931, antes da



chegada a Belém de Dom Antônio Lustosa, o sucessor de Dom Irineu, a *corda* foi restabelecida no Círio, cessando o conflito.²⁰

Mais do que a ação populista de Magalhães Barata, deve-se destacar a ação autônoma dos devotos do catolicismo popular paraense, que não mediram esforços para a manutenção da tradição, havendo mesmo quem sugerisse o seu tombamento: “Tombar a *corda* para declará-la, formalmente, patrimônio cultural dos paraenses, parte integrante do nosso modo de viver e dos nossos sentimentos, e assim preservá-la de qualquer tentativa de extingui-la ou mudar sua função. Isso implicaria reconhecer que a *corda* e a *berlinda* formam um conjunto indivisível e que só devem separar-se ao chegar ao Largo de Nazaré. Assim, quem viesse a atentar contra este



conjunto estaria atentando contra um bem tombado e, portanto, passivo das penas da lei”.²¹

A polêmica quanto ao desatrelamento da *corda* e da *berlinda*, entretanto, não é ainda um caso encerrado. Como todos os anos

surgem rumores sobre possíveis mudanças na programação do Círio, os devotos ficam preocupados quanto à permanência dos elementos que eles consideram indispensáveis à procissão. ■



O TERCEIRO CONFLITO: A QUESTÃO DOS PADRES E POSSEIROS DO ARAGUAIA

O terceiro episódio importante de conflito na história do Círio de Nazaré está ligado a questões políticas que envolviam sacerdotes católicos, num momento de transição entre a ditadura militar e o que mais tarde se chamou de Nova República (a segunda com esse nome em nossa história). O fato mais proeminente, do ponto de vista da Igreja, foi a prisão e condenação dos padres franceses Aristides Camio e Francisco Gouriou pelas autoridades militares – acusados de terem incitado os posseiros da região do Araguaia a ações consideradas ilegais e “subversivas” ainda no período ditatorial (1982), mas já num momento em que se vislumbravam os sinais mais evidentes da chamada “abertura democrática”.

Além disso, a campanha política para as eleições daquele ano, as primeiras, depois dos anos do

governo militar, viria eleger, de forma direta, os governadores dos estados, senadores, deputados estaduais e federais, e vereadores. As eleições (posteriores ao Círio de 1982), no Pará, provocaram mudanças, ainda que superficiais, no domínio das oligarquias do estado, possibilitadas, de certa forma, por uma aliança de políticos de oposição à ditadura com grupos e partidos de esquerda (incluindo os então clandestinos partidos comunistas) e com facções dissidentes ligadas às oligarquias mais tradicionais. O peso simbólico da união de todas as forças na luta contra a ditadura repercutiu excepcionalmente no Círio daquele ano, ocorrido em pleno período da campanha política.

A Igreja Católica desempenhou, pois, um importante papel nessa mudança política no estado do Pará,

devido, sobretudo, à condenação dos padres franceses pelo governo, o que permitiu a união de várias facções do episcopado paraense de modo, até certo ponto, surpreendente. Chegou-se mesmo, na ocasião, a uma espécie de pequena *questão nazarena* às avessas, envolvendo a realização do Círio de 1982. Devido aos protestos da Igreja contra a condenação dos padres franceses, manifestados até durante sepultamentos e também à destituição, pelo arcebispo de Belém, de Demócrito Noronha, auditor militar que havia acusado os padres, do cargo que ocupava na *diretoria da festa de Nazaré*, as autoridades civis e militares, ligadas à ditadura, recusaram-se a acompanhar o Círio no espaço ritual do interior da *corda* a elas reservado.

Um outro tipo de protesto, no decorrer do Círio, este, em vários

MANIFESTAÇÕES
POLÍTICAS DURANTE
A PROCISSÃO.

FOTO: LUIZ BRAGA.



momentos reprimido pela polícia, foi o dos militantes do Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia (MLPA). A despeito da apreensão pela polícia do material de propaganda, realizado nas vésperas do Círio, ainda foi possível organizar novas faixas, cartazes e panfletos.

Como símbolo do protesto contra a prisão e condenação dos padres e posseiros, os manifestantes traziam, durante a procissão, uma enorme cruz de papelão. Chegaram a percorrer algumas quadras com ela, até que um grupo de soldados da Polícia Militar retirou-a das mãos dos manifestantes. Mais adiante, padres, seminaristas e militantes leigos do MLPA desenrolaram suas faixas de protesto; algumas, com um simples “x” e a imagem de Nossa Senhora de Nazaré; outras, com os dizeres: “Liberdade para os presos do Araguaia” e “Nossa Senhora,

este povo passa fome”. O grupo desfilava atrás da *barca* das promessas, entoando cânticos que falavam em “liberdade e justiça”. Mas, chegando ao Largo de Nazaré (onde se encerra a procissão do Círio), os manifestantes também tiveram suas faixas arrancadas por um grupo de soldados da Polícia Militar, que agia com alguma prudência, para não comprometer a imagem do governo do estado, aliado dos candidatos de oposição à ditadura.²²

O Círio de Nazaré pode então ser percebido como uma festa polissêmica, um campo de conflitos, fruto do embate permanente entre diferentes tradições, entre experiências múltiplas tecidas no contexto da romaria. Num espaço que sugere a ordem, é possível perceber momentos de desordem, transgressão e conflito com

a oficialidade da festa. Se a devoção sugere a relação íntima do devoto com a divindade, pode-se perceber, além disto, a tentativa de controle do episcopado em relação a essa forma de devoção popular, procurando expurgar os festejos dos elementos considerados profanos.

Ao separar bailes e missas, rezas e danças, para o bem da noção de “espírito religioso”, a Igreja cria uma espécie de modelo de comportamento cristão, significando uma perfeita adequação aos seus ensinamentos e uma absoluta obediência aos membros do clero. Na lógica dos adeptos do catolicismo popular, pôr a festa de cabeça para baixo, fazer da festa e do encontro que ela propicia um momento de protesto, muitas vezes é uma forma de caricaturizar as instituições que tentam adestrá-lo.²³ ■

O CÍRIO CONTEMPORÂNEO





LÁ VEM VINDO A PROCISSÃO

As festividades do Círio de Nazaré – a chamada *quadra nazarena* – começam bem antes da procissão principal, realizada no segundo domingo de outubro, e se prolongam durante 15 dias. Da procissão propriamente dita, que corresponde ao traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré da Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha, local em que Belém nasceu, até a praça Santuário, no bairro de Nazaré.

O percurso, de cerca de cinco quilômetros, é feito nos limites da área mais antiga e mais urbanizada da cidade de Belém, passando pela rua Padre Champagnat, pela avenida Portugal, pelo *boulevard* Castilhos França, e pelas avenidas Presidente Vargas e Nazaré. Em anos recentes, o trajeto foi sendo ampliado, agregando uma série de outras celebrações, tais

como a *romaria rodoviária*, a *romaria fluvial* e a *romaria dos motoqueiros*.

Dias antes da procissão, a avenida Nazaré, no trecho da praça da República até a Basílica, é decorada com arcos, utilizando-se motivos que homenageiam a santa e que são escolhidos por meio de concurso. Caixas de som são estrategicamente colocadas nos postes e mangueiras, ao longo do trajeto, para a sonorização da procissão. Também são construídas arquibancadas na praça da República, pela avenida Presidente Vargas, sendo os espaços vendidos aos fiéis e turistas que quiserem assistir a procissão de forma mais cômoda. Centenas de vendedores ambulantes espalham-se por todo o trajeto, oferecendo produtos como água mineral, sucos, refrigerantes, cerveja, brinquedos de miriti e fitinhas do Círio.

PÁGINA AO LADO
FIÉIS NA CORDA. AO
FUNDO CASARIO DA
DOCA DO VER-O-PESO.
FOTO:
FRANCISCO COSTA.

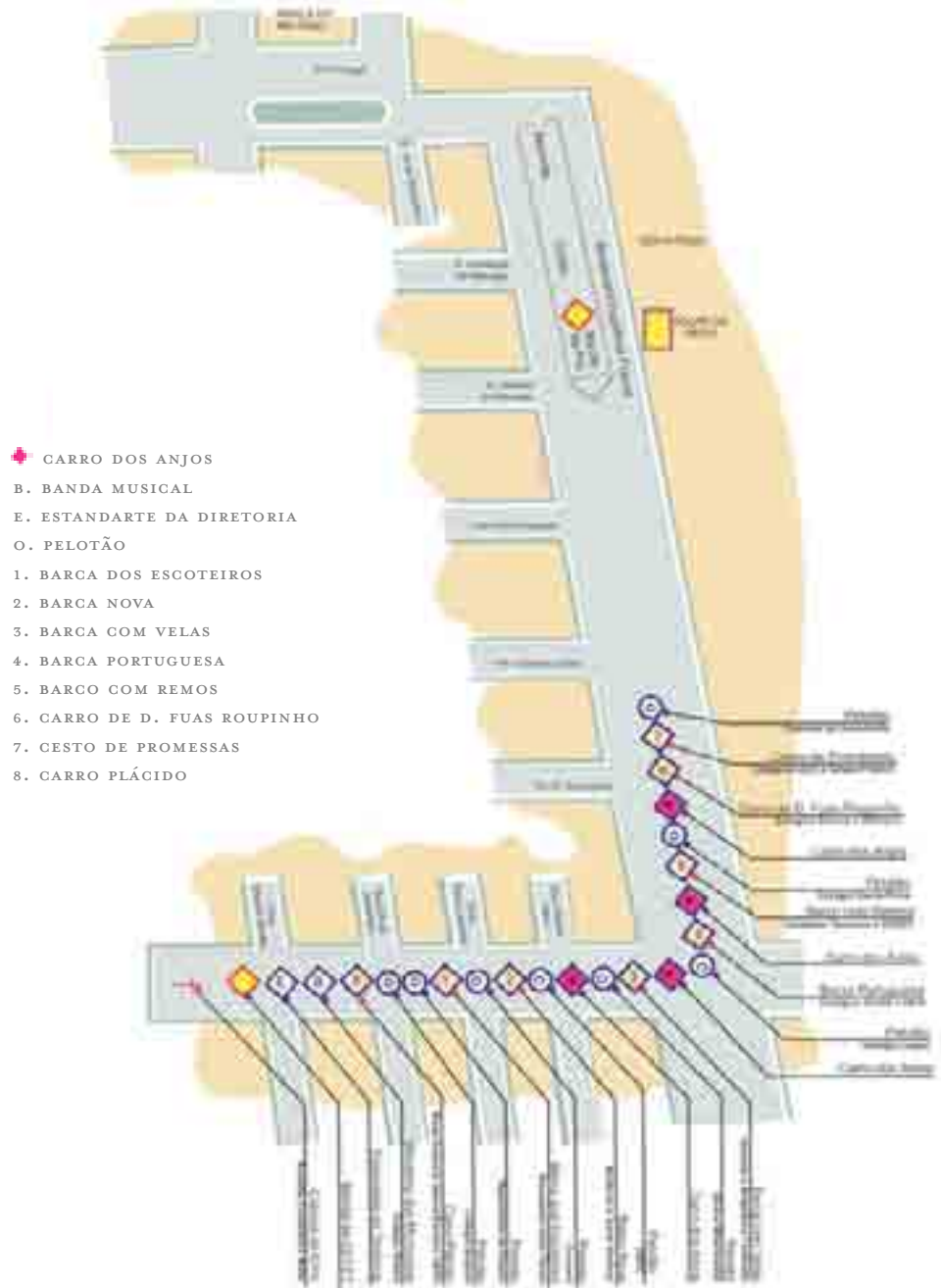
São montados palcos ao longo do trajeto, onde ocorrem homenagens à Nossa Senhora de Nazaré, como apresentações de corais, canto lírico e hinos de louvor à Santa. Quase toda a cidade participa da procissão, de uma forma ou de outra. Mesmo os que ficam em casa acompanham-na pela televisão ou pelo rádio. Os jornais locais fazem edições especiais, com cadernos dedicados exclusivamente ao evento, oferecendo pôsteres coloridos da imagem da santa. A publicidade gira em torno do acontecimento. O nome da santa e o fato de aquele ser um dia especial são evocados. Todos ressaltam que este é o “maior dia dos paraenses” e, para alguns, “o Natal dos paraenses”.

Para poder acompanhar as mudanças ocorridas no ritual

PÁGINA AO LADO
BERLINDA DURANTE
A PROCISSÃO,
COLEÇÃO VICENTE
SALLES, MUSEU UFPA.

do Círio de Belém é necessário considerar não apenas sua estrutura, mas também os diversos elementos que, ao longo do tempo, o caracterizam como tal. Deve-se destacar a presença de vários elementos que combinam, numa mesma festa, a carnavalização, o civismo e a devoção, pois se tratam de aspectos essenciais de uma representação simbólica do conjunto da sociedade brasileira, pensada pela ótica do ritual, na concepção de Da Matta.²⁴ Com efeito, muitos dos elementos que compõem o Círio são verdadeiros carros alegóricos, semelhantes aos que desfilam no carnaval, embora sejam denominados simplesmente de *alegorias*. ■

ESQUEMA DE POSICIONAMENTO DA PROCISSÃO



A CORDA E A BERLINDA

A procissão do Círio possui uma estrutura e alguns elementos característicos, essenciais ou não. O elemento central é a *berlinda*, um andor envidraçado, semelhante a uma liteira dos tempos coloniais, profusamente adornada de flores, na qual é transportada a réplica da imagem da santa – a *peregrina* – durante a *trasladação* e o Círio. A imagem tida como *original*, encontrada pelo caboclo Plácido, permanece o ano inteiro na Basílica de Nazaré.

A *peregrina*, uma imagem com feições caboclas, mais próxima da fisionomia dos devotos da região, foi feita no final da década de 1960. E é em torno dela que se organizam a procissão e os demais elementos que a integram: a *corda* puxada pelos promesseiros, as barcas, os carros, os fiéis e as autoridades laicas e religiosas.



A estrutura organizacional do Círio foi pela primeira vez descrita e analisada, do ponto de vista antropológico, por Isidoro Alves (1980), distinguindo-se, na época, um núcleo estruturado, no interior da *corda*, que circundava a *berlinda* e no qual desfilavam as autoridades e convidados especiais. A *corda* servia originalmente para puxar a *berlinda*, constituindo hoje um elemento guardado pela tradição. Tem atualmente de 400 a 450 metros de comprimento, sendo transportada por pessoas de ambos os sexos que, ao conduzi-la, geralmente estão pagando uma promessa.

A *corda* puxada pelos devotos é, atualmente, um dos elementos mais característicos do Círio de Nazaré. Inserida na procissão em 1855, para que o povo pudesse ajudar a tirar a *berlinda* de um atoleiro, hoje

ela perdeu seu significado prático original, muito embora o seu aspecto simbólico de sacrifício e aproximação do sagrado tenha permanecido ao longo dos anos. Apesar das polêmicas suscitadas, a cada ano aumenta o número de promesseiros (ou penitentes) ao longo da *corda*, que passou de 50 metros de extensão, em 1982, para 350 metros em 1988, e para 420 metros em 1990.²⁵

Momentos antes do início da procissão da *trasladação*, a *corda* é estendida no chão da avenida Nazaré pela guarda de Nossa Senhora. Assim que é iniciada a procissão, os fiéis pagantes de promessas rapidamente disputam um lugar para agarrá-la, a fim de levantá-la, puxar a *berlinda*, homenageando assim a Virgem de Nazaré. Finda a procissão, a *corda* é retalhada e cada centímetro é

disputado pelos romeiros. Além desta recordação, os promesseiros da *corda* levam para casa os pés cansados e doloridos, cheios de bolhas, assim como os ferimentos causados pelo esforço realizado e a satisfação da promessa cumprida, seja por mais um ano, pela primeira ou pela única vez.

A *corda*, entretanto, tem seu lado polêmico e se constitui num espaço de tensão permanente entre devotos e clérigos. No Círio de 1999, em função da lentidão da procissão, promesseiros da frente da *corda* e diretores encarregados da segurança da romaria decidiram baixar a *corda* para que a *berlinda* pudesse sair e continuar o seu trajeto. Na avenida Presidente Vargas, a *berlinda* foi desatrelada. A notícia espalhou-se rapidamente entre os devotos que decidiram não abandonar

a *corda* e, seguros nela, seguiram atrás da *berlinda*. Quando a *corda* chegou à praça Santuário, em frente à Basílica de Nazaré, restavam poucos devotos no local, uma vez que a missa já havia terminado duas horas antes, o que redundou em muitas críticas à organização e à própria igreja.

Os romeiros madrugam em frente ao mercado de peixe do Ver-o-Peso, local em que a *corda* é estendida já na madrugada do dia do Círio. Esta é feita de fibras de juta, sendo grossa o suficiente para suportar a tensão a que é submetida durante a procissão. É um espaço da fé, do pagamento da promessa, da devoção, da dor exacerbada, mas também da união dos corpos e dos espíritos. Em entrevista realizada com pagadores de promessa, uma devota relatou que “um pai não falava com a filha

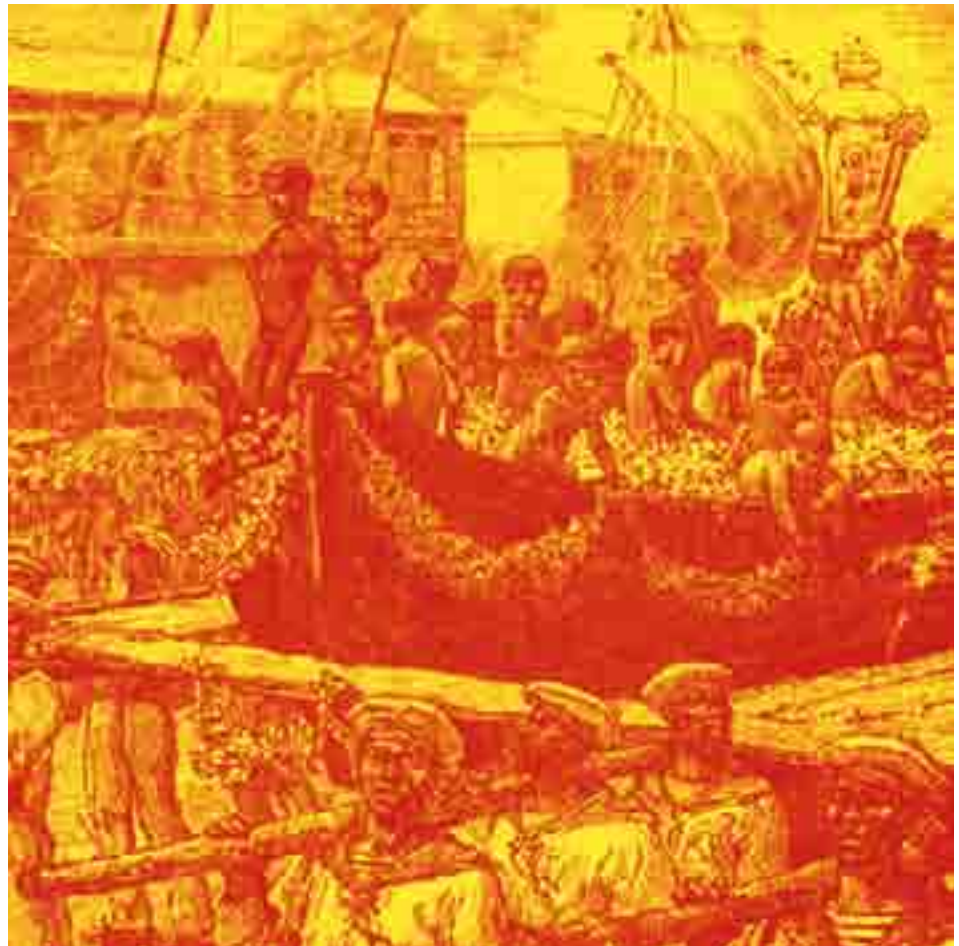
há um ano e no dia do Círio de 2002, na procissão, voltaram a se falar”.²⁶

Nas proximidades da praça Santuário, em frente ao Colégio Santa Catarina, na avenida Nazaré, a *berlinda* é liberada e os promesseiros dão um espetáculo à parte: visivelmente emocionados, com os olhos cheios de lágrimas, ajoelham-se, levantam os braços e, de mãos dadas, rezam, enquanto a *berlinda* com a imagem da santa passa entre eles, para alcançar o altar no centro da praça Santuário. ■

GRAVURA
REPRESENTANDO
ESCALER COM
CRIANÇAS
NA PROCISSÃO,
JORNAL "O LIBERAL".

O MILAGRE DA BARCA E A MARUJADA

A origem das numerosas barcas e das crianças vestidas de marinheiros que acompanham o Círio está ligada, de um lado, ao fato de Nossa Senhora de Nazaré, desde Portugal, ser uma espécie de santa protetora dos homens do mar, tendo sua devoção se desenvolvido numa aldeia de pescadores. Por outro lado, remete a um caso mais específico: ao "milagre" ocorrido em 1846,





CARRO DOS ANJOS
DURANTE A PROCISSÃO,
JOSÉ CRUZ E ASCANIO
SARAIVA, 1948.

ABAIXO
FIEL COM RÉPLICA
DE BARCO DE MIRITI NA
CABEÇA. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



quando 12 naufragos do brigue português São João Batista, que se dirigia de Belém a Lisboa, teriam conseguido salvar-se graças à intervenção da Virgem. Estes naufragos usaram o mesmo escaler em que, alguns anos antes, a imagem da santa tinha sido transportada, quando foi enviada a Portugal para ser restaurada. Consta que os naufragos, no perigo, lembraram-se dos poderes

de Nossa Senhora e prometeram que, se conseguissem voltar a Belém, transportariam o escaler durante a procissão do Círio.

Tendo obtido a salvação, não puderam cumprir a promessa por inteiro, pois encontraram restrições da parte do presidente da província e do bispo do Pará, que os desaconselharam a levar o escaler no Círio. A embarcação foi levada para a ermida de Nazaré, onde ficou em exposição. Pouco depois, uma epidemia de cólera alastrou-se na cidade e muitos atribuíram o fato a um "castigo" da santa. Por isso, a partir de 1855, o escaler passou a ser conduzido, todos os anos, no Círio, com 12 meninos vestidos de marinheiros, simbolizando os naufragos do brigue São João Batista. Foi essa a origem da *marujada* no Círio de Belém. Mais tarde o escaler foi substituído pela miniatura do brigue

e, com o passar do tempo, outras barcas foram sendo introduzidas.

Além do sentido simbólico das barcas, pois Nossa Senhora de Nazaré é considerada a protetora daqueles que viajam pelas águas, há também o simbolismo próprio da região amazônica, em que grande parte do transporte é feito em embarcações, por seus numerosos rios. Como bem captou a canção de Paulo André e Rui Barata, para muitos amazônidas, "esse rio é minha rua".²⁷ ■

NOS CARROS, AS ALEGORIAS

Os carros compõem diferentes alegorias, como o *carro da Santíssima Trindade*, que reproduz com imagens esse elemento central da doutrina cristã. O *carro do caboclo Plácido*, por sua vez, representa o momento do “achado” da imagem da santa por Plácido. Já o *carro dos milagres* traz as alegorias de dois episódios fundamentais da devoção à Nossa Senhora de Nazaré: o ocorrido com D. Fuas Roupinho, fidalgo português que, no século XII, teria sido salvo de cair num abismo por intercessão da Virgem de Nazaré, e o milagre dos naufragos do brigue São João Batista. E, finalmente, os *carros dos anjos*: o *do anjo Custódio* (anjo da guarda), o *do anjo do Brasil* (simbolizando a nação brasileira), além de mais dois que transportam crianças vestidas de anjos.



Esses “anjinhos” geralmente pagam promessas feitas pelos pais. Só podem vestir-se de anjos as crianças que “ainda não perderam a inocência” (aproximadamente até os 10 anos de idade), pois, caso morram até então, irão compor a “corte celeste”, na condição de “anjinhos”. O simbolismo é evidente: essas crianças, com a pureza dos serafins, representariam a própria corte celeste baixando à

terra para acompanhar a padroeira que, também descendo para o meio do povo, mistura-se a ele na grande homenagem que lhe é prestada.

Os adolescentes são também uma presença crescente na procissão do Círio. A maioria é constituída por alunos de escolas confessionais, mas também, recentemente, são muitos aqueles de colégios laicos. Esses estudantes aparecem junto às alegorias, portando o pavilhão nacional ou ajudando a conduzir os carros que recolhem *ex-votos* e promessas dos romeiros durante a procissão.

A procissão que recebe o nome de *Círio*, em Belém – e que hoje se realiza em homenagem a diferentes santos e santas, no Pará e mesmo fora desse estado – apresenta duas características fundamentais que a distinguem das demais procissões em homenagem a santos católicos.

MISSA DE MANDATO.

PÁGINA ANTERIOR,
ACIMA

O CARRO DOS
MILAGRES, ÁLBUM
DE 1936.

PÁGINA ANTERIOR,
ABAIXO

CARRO DOS ANJOS NA
FESTA DO CÍRIO DE
2004. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



Em primeiro lugar, trata-se de uma procissão que se desdobra em duas. A primeira, a *trasladação* da imagem, é realizada à noite, à luz de velas (círios), e vai da capela do Colégio Gentil Bittencourt até a igreja da Sé. A procissão principal, o Círio propriamente dito, acontece no dia seguinte, pela manhã, à luz do dia (sem que os círios sejam acesos, embora algumas pessoas os levem como promessa, no mesmo tamanho da pessoa beneficiada com a graça), quando a imagem retorna pelo mesmo caminho até a praça Santuário, em frente à Basílica de Nazaré.

Além disso o Círio é uma procissão que, ao contrário das demais, inaugura – em vez de encerrar – a festa da santa. ■

A MISSA DO MANDATO

A procissão do Círio foi crescendo ao longo do tempo, até chegar às proporções gigantescas de hoje. Aos poucos foram sendo acrescentadas novas celebrações à Festa de Nossa Senhora de Nazaré e novos espaços de culto e devoção que compõem o Círio em sentido amplo. Essas celebrações, de caráter religioso, começam em agosto e se prolongam até o mês de outubro, quando se encerra a quadra nazarena.

Em 1986, o padre Luciano Brambilla, sentindo a necessidade de um ato que marcasse o início da preparação das *novenas de peregrinação*, resolveu criar a *missa do mandato*. Desde então, essa celebração marca oficialmente o primeiro ato da *festividade nazarena*. Alguns dias após a missa acontece a manhã de formação para dirigentes das peregrinações, uma preparação ao novenário por meio de palestras e explicação da sistemática dos *encontros*. É realizada em um dos salões do Centro Social de Nazaré e conta com a participação de representantes de quase todas as paróquias de Belém.

Após essa preparação, os padres barnabitas distribuem para todas as paróquias imagens de Nossa Senhora de Nazaré, livros das peregrinações e cartazes do Círio. A distribuição estende-se também às paróquias do interior do estado.

RÉPLICA DA NOSSA
SENHORA DE NAZARÉ
NA CASA DOS FIÉIS NOS
DIAS QUE ANTECEDEM
O CÍRIO. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



Anualmente são produzidos mais de 120 mil exemplares do livro das peregrinações, sob a coordenação da *diretoria de evangelização*.

A *missa do mandato* inicia o ciclo de preparação para o Círio. Começa às 20 horas, com uma procissão de caráter solene, que ganha o interior da Basílica de Nazaré e prossegue até o altar-mor, com um cortejo formado por acólitos segurando objetos rituais (crucifixo, naveta, turíbulo), representantes do Apostolado da Oração empunhando bandeiras, os *guardas de Nazaré*, a *diretoria da festa*, os padres concelebrantes e, ao final, o arcebispo. Todos os fiéis presentes recebem o mandato – juntamente com uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré – para conduzir a evangelização nos diversos bairros de Belém. ■

VISITAS DA SANTA AOS FIÉIS

As peregrinações de Nossa Senhora de Nazaré são realizadas durante o mês de setembro quando, levadas pelos fiéis *mandatários*, diversas imagens percorrem toda a arquidiocese de Belém, promovendo momentos de reflexão, oração e louvor à santa. Os devotos acompanham as romarias pelos bairros auxiliados pelo *livro das peregrinações*, que trata do Círio e da figura de Nossa Senhora de Nazaré.

No final das peregrinações as imagens são sorteadas entre os proprietários das casas que receberam a visita da Virgem.

As peregrinações da imagem acontecem nos diversos bairros de Belém e no interior do estado do Pará, mais propriamente nas casas dos devotos que se dispõem a receber a visita da santa. São também realizadas em repartições públicas, hospitais e escolas. As famílias que aceitam a visita da imagem de Nossa Senhora de Nazaré recebem-na em suas casas com um dia de antecedência.

As imagens são conduzidas por grupos de vizinhos em romaria, segurando velas acesas. É freqüente, após as orações, o oferecimento aos peregrinos, pelas famílias que recebem a imagem, de um lanche com café, biscoitos, bolos, mingau e refrigerantes.

DETALHE DA BANCA
DE VENDEDOR DE
RÉPLICAS DA IMAGEM
DE NOSSA SENHORA DE
NAZARÉ. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

PÁGINA AO LADO
TRANSLADAÇÃO DA
IMAGEM NA NOITE
QUE ANTECEDE
O CÍRIO. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

Devotos entrevistados afirmaram que algumas pessoas, geralmente moradores de bairros muito pobres, por essa razão deixam de aceitar a visita da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em suas casas.

Nos anos de 1991 a 1993, dentro do projeto Círio 200, foram realizadas peregrinações com a imagem *peregrina* de Nossa Senhora de Nazaré, a mesma que sai na procissão do Círio, pelas cidades do interior e pelas principais capitais e cidades brasileiras.

Um devoto revelou que, por ocasião da visita da imagem de Nossa Senhora de Nazaré à cidade de São Luís, no Maranhão, uma senhora idosa perguntou ao dirigente que carregava a imagem da santa: “Meu senhor, essa santa é a mesma de Belém que acompanha o Círio?”. O dirigente respondeu que sim e ficou muito emocionado



quando a senhora lhe disse que poderia morrer naquele dia, pois há anos havia feito uma promessa de acompanhar o Círio na *corda*, em Belém, mas como nunca deu certo, ela aproveitaria para pagar sua promessa no Círio de Nazaré ocorrido em São Luís. ■

TRASLADO DA IMAGEM PARA ANANINDEUA

O início da Festa de Nossa Senhora de Nazaré é marcado por uma solenidade realizada na *barraca da santa*²⁸, às 20 horas, na sexta-feira que antecede a *trasladação* e o Círio de Nazaré. O evento foi instituído em 1991, pela *diretoria da festa*, e conta com a presença de autoridades civis, militares e religiosas convidadas. A abertura oficial do Círio acontece, inicialmente, com a inauguração das luzes que enfeitam externamente a basílica, a *barraca da santa* e os arcos decorativos que enfeitam a avenida Nazaré, no percurso da romaria.

O traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré para o município de Ananindeua, vizinho de Belém, é um evento incorporado ao calendário das festividades do Círio de Nazaré desde 1992, por ocasião das



comemorações do Círio 200. Antes disso, a *romaria rodoviária*, que ocorre no sábado e vai de Ananindeua até o distrito de Icoaraci, saía do monumento da Cabanagem, em Belém, e do terminal de cargas, já em Ananindeua, mas distante da praça central.

“A idéia de vir para Ananindeua surgiu de um cidadão dono de um posto de gasolina de nome Ribeiro, proprietário do posto Tokyo. Nesse ano, ele solicitou à diretoria que a imagem viesse até Ananindeua. E foi assim que começou. O principal objetivo da celebração é para que as pessoas sintam-se mais próximas de Nossa Senhora, tenham oportunidade de prestar esta homenagem da maneira como elas querem, por meio da queima de fogos, flores, caminhada,

da peregrinação”, diz Odon Carlos, organizador do traslado.²⁹

O primeiro traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em carro aberto ocorreu em 1997. A partir desta data é que a *romaria rodoviária* começou a sair da igreja matriz de Ananindeua. “O sentido é fazer com que as pessoas mais distantes daqui da Basílica de Nazaré também tenham contato, sintam mais de perto o que é a *romaria rodoviária*”, diz José dos Santos Ventura, membro da *diretoria da festa*.³⁰

Atualmente, a *berlinda* com a imagem *peregrina*³¹ sai da Basílica de Nazaré na sexta-feira que antecede a procissão principal do Círio, sendo conduzida em carro aberto da Polícia Rodoviária Federal e acompanhada por outros carros de membros da *diretoria da festa*, *guardas de Nazaré* e devotos até a praça central

da cidade de Ananindeua. Ao longo de todo o trajeto rodoviário, diversas homenagens são prestadas à imagem de Nossa Senhora.

Os devotos enfeitam as frentes de suas casas, outros acompanham o traslado em bicicletas, motos ou carros. É uma celebração religiosa que vem crescendo em importância a cada ano. No Círio de 2002, o percurso desse traslado estendeu-se pela primeira vez até Marituba, atendendo solicitação do pároco do município. De Marituba o traslado retorna para a igreja matriz de Ananindeua, onde a imagem da peregrina fica exposta até a manhã seguinte, recebendo durante a noite inteira a visitaçõ de peregrinos devotos e penitentes. No dia seguinte, após uma missa, a *berlinda* com a imagem da santa é conduzida até um carro do corpo de bombeiros, seguindo na *romaria*

UMA PROCISSÃO DE CARROS, MOTOS E BICICLETAS

PÁGINA AO LADO
PERCURSOS DAS
PROCISSÕES DO CÍRIO.

rodoviária até o ancoradouro de Icoaraci, distrito de Belém.

Ao longo de todo o percurso podem ser vistas crianças vestidas de anjos, pequenos altares com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, faixas saudando a passagem da santa, papel picado sendo atirado das residências e passarelas, e uma multidão postada ao longo da estrada, estendendo as mãos quando da passagem do carro que conduz a berlinda. Todo o trajeto é acompanhado pelo estourar de muitos fogos de artifício. ■

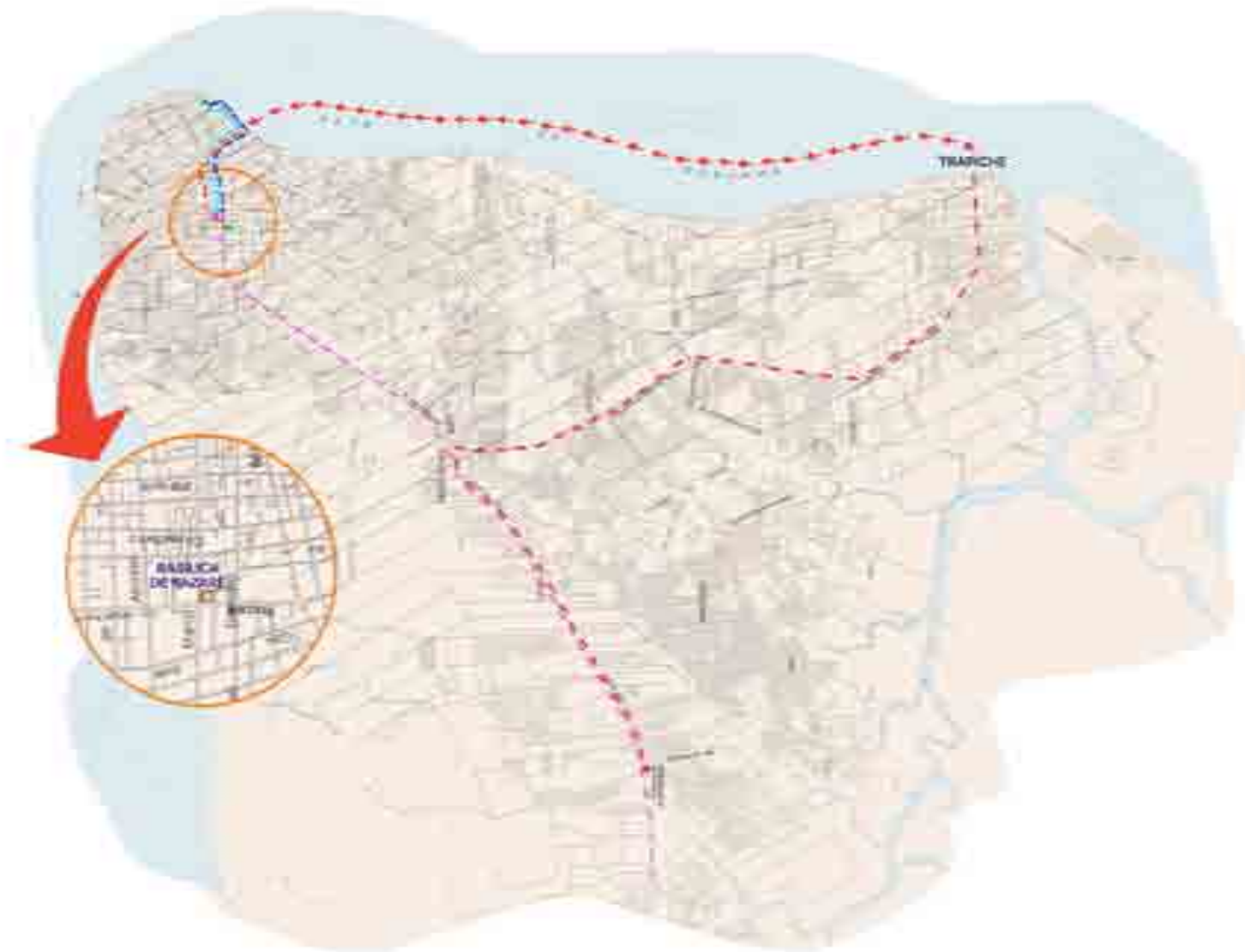
A *romaria rodoviária* é uma celebração religiosa em forma de procissão, da qual participam veículos motorizados e bicicletas, fazendo parte do conjunto de celebrações do Círio de Nazaré. O percurso desta romaria é de 24 quilômetros, saindo da praça da Igreja Matriz de Ananindeua até o ancoradouro (trapiche) da vila de Icoaraci.

A primeira *romaria rodoviária* ocorreu em 1989, com o objetivo de atender a população que não podia se deslocar (por doença, deficiência, falta de dinheiro) até o centro de Belém para acompanhar o Círio. A romaria foi criada pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas do Estado do Pará - Sindicarpa.

Até 1988 o transporte da imagem de Nossa Senhora de Nazaré para Icoaraci era realizado em carro fechado, o que impedia as

peças de verem a passagem da santa. Em 1989, por sugestão de um membro da *diretoria da festa*, a *romaria rodoviária* passou a sair da Basílica de Nazaré, sendo a imagem conduzida num andor, em cima de um caminhão.

Em 1990 um carro de som foi utilizado para convidar os devotos moradores da rodovia Augusto Montenegro, por onde passa a romaria, a renderem suas homenagens à Nossa Senhora de Nazaré. A romaria começou a crescer e as pessoas passaram a decorar as frentes de suas casas e ruas com balões, flores, faixas e queimas de fogos em homenagem à imagem da santa. No mesmo ano foi colocado um caminhão da Texaco para conduzir a imagem, já que a empresa apoiou financeiramente a realização da romaria.



Em 1991 a romaria passou a sair do terminal de cargas, sendo a imagem levada, em carro aberto, na sexta-feira à tarde. A partir de 1992 a *romaria rodoviária* passou a sair da praça matriz de Ananindeua. Em 1999 foi confeccionada mais uma réplica da *berlinda* para essa romaria.

Durante o percurso da *romaria rodoviária*, a imagem de Nossa

Senhora de Nazaré recebe muitas homenagens, desde a saída da praça de Ananindeua até a chegada, no trapiche de Icoaraci. Centenas de pessoas fazem o trajeto em bicicletas, famílias inteiras se reúnem em frente a suas casas para ver a passagem da imagem da santa. A romaria tem início na praça da Igreja Matriz de Ananindeua, às 6 horas da manhã, no sábado

que antecede o Círio de Nazaré em Belém. Sai da rodovia BR 316, passando pelo monumento à Cabanagem (no local conhecido como Entroncamento), entrando na rodovia municipal Augusto Montenegro e seguindo para o trapiche de Icoaraci, de onde parte, em seguida, a *romaria fluvial*. ■

PROCISSÃO PELO RIO



A romaria fluvial foi criada em 1986 pelo historiador Carlos Rocque, quando presidente da Companhia Paraense de Turismo. É um dos eventos emblemáticos do Círio de Nazaré, devido a sua grande magnitude. A princípio, a motivação para a criação da romaria surgiu da iniciativa de possibilitar aos ribeirinhos prestarem suas homenagens à Nossa Senhora de Nazaré. No entanto, o fato de a romaria ter sido criada por uma companhia de turismo evidencia a clara associação do Círio de Nazaré com o desenvolvimento do potencial turístico da capital paraense, fundamentado no chamado turismo religioso – a Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) incluiu a romaria no calendário de eventos do país. Nesse caso também podemos perceber as relações entre

as motivações religiosas e as profanas, que marcam o Círio de Nazaré desde seu início.

No sábado que antecede o Círio, após terminar a romaria rodoviária, é celebrada uma missa no trapiche de Icoaraci. Logo em seguida, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré é transportada para o navio balizador da Marinha, Guarnier Sampaio, que zarpa conduzindo a imagem num altar armado na proa. O navio é seguido de perto por centenas de barcos. Partindo de Icoaraci, a *romaria fluvial* perfaz um percurso de 10 milhas náuticas na baía do Guajará, até o porto de Belém, terminando no local conhecido como *escadinha do cais do porto*. Ao longo do percurso, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré recebe muitas homenagens, como o lançamento de pétalas de rosas

e de papel picado de helicópteros e ultraleves, e a queima de fogos, por devotos, nas margens da baía do Guajará.

Participam da procissão romeiros de todas as camadas sociais, provindos da área metropolitana de Belém e do interior do estado do Pará, além de turistas nacionais e internacionais, que compram com antecedência um pacote turístico que inclui a *romaria fluvial*. As empresas de turismo contratam embarcações nas quais é servido café-da-manhã, com frutas regionais, e são distribuídos bonés e bandeirinhas. No ano de 2002 participaram da *romaria fluvial* mais de 600 embarcações de diversos tipos, desde iates, *jet skis* e lanchas de vários portes, até pequenas canoas, típicas de ribeirinhos que moram nas proximidades. ■

PÁGINA AO LADO
ROMARIA FLUVIAL.
FOTO: LUIZ BRAGA.

PROCISSÃO DOS MOTOQUEIROS

A *moto-romaria* foi criada em 13 de outubro de 1990, pela Associação dos Motoqueiros de Belém, com a finalidade de escoltar a imagem de Nossa Senhora, conferindo mais pompa ao percurso de 3,3 quilômetros da praça Pedro Teixeira às escadarias do Colégio Gentil Bittencourt. Antes disso, a imagem fazia este percurso em um ônibus, nas mãos do arcebispo de Belém, junto com

a *diretoria da festa*, sem a participação da população.

A *moto-romaria* é uma procissão realizada essencialmente por motoqueiros, oriundos tanto de Belém quanto de diversas localidades do interior do estado. É realizada no sábado que antecede o Círio, logo após a chegada ao cais do porto da *romaria fluvial* (às 11 horas) e das homenagens de honras de Estado prestadas à Nossa Senhora de Nazaré. Ao chegar ao Colégio Gentil Bittencourt é realizada uma benção para os motoqueiros e a imagem é exposta para os presentes. Em seguida, os motoqueiros aceleram suas máquinas, como forma de saudação à Nossa Senhora de Nazaré. Após o término dessa procissão, muitos dos participantes juntam-se às outras pessoas, na basílica, para assistir à *celebração da descida*, às 12 horas.

A imagem *peregrina* de Nossa Senhora de Nazaré permanece no Colégio Gentil Bittencourt até o início da procissão da *trasladação*, nesse mesmo dia, às 18 horas.

Em 2000 a Polícia Rodoviária Federal passou a participar do cortejo, fortalecendo a organização da *moto-romaria*. Atualmente, esta procissão conta com o apoio da Companhia de Trânsito de Belém, das Polícias Civil e Militar, da Secretaria de Estado de Segurança e do Corpo de Bombeiros. A primeira *moto-romaria* contou com a participação de 40 motocicletas, número este que, em 2002, já era de 5 mil. ■

A CELEBRAÇÃO DA DESCIDA



DETALHE PÉS DOS
PROMESSEIROS. FOTO:
FRANCISCO COSTA

Todas as imagens que participam das celebrações, até mesmo a da procissão principal do Círio, no segundo domingo de outubro, são réplicas da imagem original. Aquela que, segundo a tradição, foi “achada” pelo caboclo Plácido, no ano de 1700, não participa de nenhuma outra cerimônia deste grande ritual religioso, excetuando-se a *celebração da descida* e a *celebração da subida*.

A imagem dita *original* permanece guardada, durante o ano todo, no ponto mais alto (glória) do altar principal da Basílica de Nazaré. A *celebração da descida* consiste em retirar a imagem de seu nicho habitual, para que possa ficar, durante todo o período da Festa de Nazaré, mais próxima dos devotos.

Foi padre Miguel Giambelli, vigário de Nazaré, que decidiu, em 1969, descer a imagem de Nossa

Senhora de Nazaré da glória do altar-mor da basílica para o presbitério para, desse modo, ficar mais perto do povo. A *celebração da descida*, em seus anos iniciais, era realizada no sábado que antecede o Círio, às 23 horas, após a *trasladação*. Entre 1979 e 1980 o ritual de descida da imagem era realizado a portas fechadas, com a participação de um número reduzido de pessoas. A partir de 1983 as portas da basílica foram abertas para o povo participar da celebração.

Segundo o padre Luciano Brambilla, a imagem da santa ficava acessível para quem quisesse beijá-la, o que gerou uma situação inconveniente: no final da cerimônia, o manto encontrava-se todo manchado de batom. Em função disso, a imagem não pôde mais ser beijada³²,

ficando protegida por uma redoma de vidro.

A celebração é realizada às 12 horas do sábado que antecede o Círio, logo após o encerramento da *moto-romaria*. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré é descida da glória do altar da capela-mor da basílica, com cuidados especiais para sua preservação, como o uso de luvas brancas para evitar o contato das mãos com a imagem. Durante a celebração são realizados cantos, rezas e muitas aclamações de louvor à santa. Após a descida a imagem é colocada em um pedestal junto ao altar-mor, decorado com flores, onde permanece acessível à visitação pública durante toda a *quadra nazarena*. ■

REVIVENDO AS “FUGAS” DA IMAGEM

Nesse mesmo dia, o segundo sábado de outubro, sai à noite, do Colégio Gentil Bittencourt, situado próximo à praça Santuário, a procissão que recebe o nome de *trasladação*, seguindo em direção à Catedral de Belém. Fazendo o trajeto do Círio no sentido contrário, seguem milhares de pessoas em procissão, a maioria com velas acesas, muitas delas cumprindo promessas, rezando contritas e entoando o hino de Nossa Senhora de Nazaré.

A procissão tem início às 18 horas, logo após a missa celebrada nas escadarias do colégio, tendo como principais elementos de destaque no cortejo a *corda* e a *berlinda* iluminada que conduz a imagem da santa. Essa procissão, em conjunto com o Círio propriamente dito, que será realizado na manhã do dia



TRANSLADAÇÃO DA
IMAGEM, A BERLINDA
ILUMINADA NA NOITE
QUE ANTECEDE
O CÍRIO. FOTO:
FRANCISCO COSTA

seguinte, revive o mito das “fugas” da imagem da santa quando encontrada por Plácido, em 1700.

Durante o trajeto, muitas homenagens são prestadas à Nossa Senhora de Nazaré, sendo que as principais são promovidas pelo Banco do Brasil e pelo Sindicato dos Estivadores e dos Arrumadores do cais do porto de Belém, com um espetáculo de fogos de artifício. No decorrer dos últimos anos, o aumento do número de participantes dessa procissão, sobretudo de jovens, é bastante significativo. É voz corrente que o aumento do número de promesseiros na *corda da trasladação* e na própria procissão está ligado ao clima mais agradável à noite, à beleza do espetáculo dos fogos no período noturno e ao crescimento surpreendente do número de pessoas na procissão principal

do Círio, na manhã seguinte, o que faz com que muitos participem apenas da procissão noturna. Os jovens, no intuito de conseguirem graças (na sua ampla maioria, a aprovação no exame do vestibular), participam da caminhada da *trasladação* segurando a *corda* até o mercado Ver-o-Peso e, com o restante do povo, conduzem a *berlinda* para a Catedral da Sé.

Na manhã seguinte, com a procissão do Círio propriamente dito, a imagem retorna à basílica, cumprindo um ritual de mais de 200 anos. ■

O TERÇO DA ALVORADA

BERLINDA COM
A IMAGEM DE NOSSA
SENHORA DE NAZARÉ
DURANTE A
TRANSLADAÇÃO.
FOTO: LUIZ BRAGA.

Terminada a procissão do Círio, as festas do arraial se estendem pela tarde e noite do domingo, prolongando-se por duas semanas. A próxima celebração religiosa é o *terço da alvorada*, procissão realizada diariamente no entorno da basílica de Nossa Senhora de Nazaré, a partir da segunda-feira, após a romaria principal, até o encerramento da *quadra nazarena*.

Em 1972, o padre Giovane Incampo, pároco de Nazaré, criou o *terço da alvorada*, com a denominação de *procissão penitencial*. Participam desta procissão os padres barnabitas, a *guarda da santa*, a Confraria de Nossa Senhora de Nazaré, os sacristãos e as comunidades da paróquia de Nossa Senhora de Nazaré. O percurso do cortejo é variável, com o intuito de abranger o maior número possível de ruas no entorno da basílica. ■



CARRO DOS ANJOS NO
CÍRIO DE 2004. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



O CÍRIO DAS CRIANÇAS

As crianças sempre foram parte importante no Círio e Festa de Nazaré. Aparecem na procissão principal do Círio vestidas de anjos, nos carros, nos ombros e nos colos de mães e de pais. Aparecem também vestidas de marujos ou usando mortalhas em pagamento de promessas. Vão à igreja rezar e participam das brincadeiras do arraial. Por isso, a diretoria da festa teve a idéia de

criar a *romaria infantil*, uma espécie de miniprocissão em que as crianças participam com rezas e cantos próprios escolhidos pelo departamento de catequese infantil da paróquia de Nazaré.

O primeiro *círio das crianças* foi realizado no dia 21 de outubro de 1990. Em 1994, o andor foi substituído por um cibório em um carro. Este cibório era o antigo nicho que ficava no Colégio Gentil Bittencourt com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, durante a quinzena da festa. Até 1999, eram as esposas dos diretores que organizavam o *círio das crianças*, desde a decoração até os atos litúrgicos. A partir de 2000, o padre Francisco Silva, pároco de Nazaré, passou esta responsabilidade para a *comissão de culto e pastoral*. Desde 1999 os carros do *anjo custódio* e do

anjo protetor da cidade participam da procissão.

O *círio das crianças* é realizado no primeiro domingo após a procissão principal do Círio, saindo às 8 horas e 30 minutos da praça Santuário para percorrer as ruas do bairro de Nazaré. As crianças participam acompanhadas por seus pais. A duração é de aproximadamente duas horas. Ao retornar, o pároco da basílica recebe a imagem e abençoa os presentes. ■

ENCERRANDO A FESTA

Na maioria das festas de santos, a procissão final, ou da festa, é a mais importante. Isso não acontece na Festa de Nazaré, em Belém, onde a procissão do Círio é a mais importante de todas. A *procissão da festa* é realizada pela manhã, sempre no último domingo da *quadra nazarena* (quarto domingo de outubro, dia de Nossa Senhora de Nazaré), quando as comunidades da paróquia, junto com os *diretores da festa* e demais fiéis percorrem as ruas do bairro de Nazaré.

Esta procissão é um acontecimento dedicado aos leigos da paróquia, os quais são responsáveis pelo planejamento e execução das atividades desenvolvidas ao longo do percurso, que tem cinco paradas predeterminadas. Em cada uma delas ocorrem reflexões e

homenagens à Nossa Senhora, seguidas de bênçãos aos presentes. O trajeto da procissão é alterado a cada ano, visando a contemplar as diversas ruas e comunidades pertencentes à paróquia de Nazaré.

A celebração oficial do encerramento da festa, entretanto, é uma missa solene realizada no altar-monumento da praça Santuário, em frente à basílica, também no último domingo da *quadra nazarena*, com a presença do arcebispo, sacerdotes e diretores. O ato litúrgico inicia-se às 20 horas, com uma procissão solene que sai da basílica, sendo o cortejo integrado pela *diretoria da festa* (que conduz a imagem de Nossa Senhora de Nazaré) e o clero, entre a multidão de fiéis posicionados em frente ao local da celebração. É apenas uma das celebrações que marcam

o fim da festividade nazarena. Ao término da missa realiza-se uma procissão com velas – instituída em 1982, a partir da inauguração da praça Santuário – até as dependências da Basílica de Nazaré.

Já a *celebração da subida* é realizada às 6 horas da segunda-feira, após o encerramento da festa, antes da *procissão do recírio*. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré é recolocada na glória, acima do altar da capela-mor da basílica, com os mesmos cuidados com sua preservação que são tomados na *celebração da descida*. Cantos, rezas e muitas aclamações de louvor à Nossa Senhora de Nazaré marcam este acontecimento aberto ao público e presidido pelo arcebispo metropolitano.

Finalmente, o *recírio*, uma celebração que ocorre na manhã de



PÁGINA AO LADO
PEDAÇO DE GORDA,
FIM DA PROCISSÃO.
FOTO: FRANCISCO
COSTA.



FIEL COM PEDAÇO
DA GORDA A VOLTA DA
CABEÇA. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

ABAIXO
FIM DA PROCISSÃO,
O CORPO DO FIEL.
FOTO: FRANCISCO
COSTA.

segunda-feira, ao final dos 15 dias de festividades, é o verdadeiro encerramento da *quadra nazarena*. Nesse dia Belém tem suas atividades reduzidas, os servidores públicos são dispensados e o comércio só abre as portas após o meio-dia. Colégios também suspendem as aulas e liberam estudantes e professores para participarem da tradição que se incorporou aos festejos nazarenos há mais de um século.

É quando a imagem *peregrina* retorna para as dependências do Colégio Gentil Bittencourt, para sair somente no próximo ano, revivendo e atualizando a devoção nazarena³³. Trata-se de uma procissão marcada pela despedida, em que os fiéis, emocionados, acenam com lenços brancos ou leques para a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, dando, assim, o seu último adeus.



Esse derradeiro ato religioso da festa de Nazaré inicia-se com a missa na praça Santuário, de onde sairá a procissão que percorrerá algumas quadras do bairro de Nazaré, até o Colégio Gentil. Ali o arcebispo de Belém abençoa todos os presentes com a imagem de Nossa Senhora.

Ao final da missa ocorre a *incineração das súplicas*, uma cerimônia presidida pelos membros da *diretoria*

de evangelização e introduzida entre os rituais de celebração das festividades do Círio em 1994. Consiste na queima dos pedidos escritos pelos fiéis e depositados em uma caixa de vidro no altar-mor da Basílica de Nazaré, durante os 15 dias das festividades. Inicialmente realizado na lateral da basílica, em frente à *sala dos milagres*, hoje acontece na praça Santuário e simboliza a elevação dos pedidos até a presença de Deus, pela intercessão de Nossa Senhora. ■

A FESTA E SEU ARRAIAL

“**P**adre, a rainha entrou na sua sala”. Segundo o padre Luciano Brambilla, foi com essas palavras que o coronel Alacid Nunes definiu a primeira vez que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré entrou na praça Santuário, no Círio de 1982.³⁴ Com a construção da praça, cercada de grades, no local do antigo *arraial*, este teve de mudar-se para um terreno ao lado da basílica.

É dentro da praça Santuário ou Conjunto Arquitetônico de Nazaré (CAN), antigo largo de Nazaré, que se realizam as celebrações religiosas da festividade. O largo, com seus coretos peculiares e pavilhões armados para o arraial, deu lugar à Praça Santuário, com suas linhas modernas, materiais refinados, gradil, altar-central, concha acústica e, mais tarde, o monumento de mármore cuja forma remete ao manto de Nossa Senhora de Nazaré.

Com a inauguração da praça Santuário ampliou-se o espaço para as apresentações de artistas locais, sobretudo músicos, no período das festividades do Círio. Durante a quinzena festiva do *arraial*, a concha acústica existente na praça transforma-se em espaço para a apresentação da cultura paraense, desde a performance

erudita dos músicos da Fundação Carlos Gomes e do Serviço de Atividades Musicais da Universidade Federal do Pará, passando pelos grupos e compositores de música popular paraense, até os ritmos regionais como o carimbó, o xote bragantino e o sirimbó.

A praça, situada em frente à Basílica de Nazaré, é propriedade da Prefeitura Municipal de Belém. Além de ter gerado conflitos entre os devotos e os padres, o espaço também é local de disputas entre o clero e o poder municipal, a partir do seu nome. “A coisa mais triste é que num santuário regional chamado Basílica de Nossa Senhora de Nazaré tenha uma praça que se chama Justo Chermont. Quem era este ilustríssimo senhor João Ninguém deste Justo Chermont? Isto não

BASÍLICA DE NAZARÉ
DURANTE A FESTA
DO CÍRIO.
FOTO: LUIZ BRAGA.





FESTA COM CRIANÇAS
DURANTE O CÍRIO.
FOTO: FRANCISCO
COSTA.

PÁGINA AO LADO
PIMENTA DE CHEIRO
USADA NO TEMPERO DO
PATO-NO-TUCUPI.

cabe na cabeça de ninguém”, diz o padre Luciano Brambilla.³⁵

Já muitos devotos questionam as razões que levaram os padres a construir a praça Santuário toda revestida de mármore³⁶, tão distante dos modelos arquitetônicos regionais, cercada de grades que limitam o acesso público, apesar de a praça ser propriedade da Prefeitura Municipal, aberta às seis horas e fechada às 22 horas por um funcionário remunerado pela paróquia de Nazaré. Segundo o padre, a idéia de construir a praça foi para evitar que a Basílica de Nazaré fosse sufocada pelos prédios que estavam surgindo ao seu redor. Os edifícios no entorno da igreja, entretanto, não deixaram de surgir, apesar da construção da praça, já que a proteção do tombamento estadual da basílica não foi suficiente para detê-los.

A concha acústica construída dentro da praça Santuário “foi feita para que no Centro Arquitetônico de Nazaré se pudesse realizar a parte artística, constituída mesmo de cânticos, música, concertos e de apresentações teatrais”, diz o padre Brambilla, admitindo que surgiram descontentamentos por ocasião da construção da praça, principalmente por causa das grades.³⁷

Tal como no início das celebrações do Círio, o *arraial* continua sendo um local de comércio e também de festa, o principal ponto de encontro das pessoas durante os 15 dias da *quadra nazarena*. Há parque de diversão e barracas de bebidas e comidas regionais tais como o tacacá, pato-no-tucupi, maniçoba e vatapá. As noites do *arraial* são um momento de encontro,

de circulação de pessoas, de namoro e de um conjunto de fatos que, por sua própria natureza, não estão sob o controle da *diretoria da festa*. Em função disso foram muitos os momentos de tensão que marcaram a história do *arraial*, vez por outra acusado de contribuir para a “corrupção dos valores” do povo paraense, momentos que expressam o próprio conflito entre os adeptos do catolicismo popular e a ótica eclesial e oficial dos organizadores da festa. ■

ALMOÇO DO CÍRIO, O NATAL DOS PARAENSES



Tão logo acaba a procissão, com a chegada da imagem da santa na praça Santuário em frente à Basílica de Nazaré, as famílias dos devotos se reúnem nos lares para uma grande confraternização e também para saborear os deliciosos pratos típicos da cozinha regional paraense, principalmente o pato-no-tucupi e a maniçoba. Essas comidas expressam uma identidade cultural que o paraense faz questão de exibir, especialmente ao visitante que vem de outros lugares, que poderá ser convidado, por alguma família, para participar do almoço.

No *almoço do Círio* percebe-se uma certa continuidade de algumas relações encontradas na procissão principal, como formalidade e informalidade, sagrado e profano, público e privado. Os conflitos familiares também se fazem

presentes no almoço, apesar do clima de confraternização.

O *almoço do Círio* é uma oportunidade para as famílias demonstrarem a prodigalidade e a fartura da comida, correspondente também à prodigalidade das bênçãos e das graças proporcionadas pela Virgem de Nazaré. O número de participantes é muito variável entre as famílias, chegando algumas a reunir em torno de 30 pessoas. Outras têm este número diminuído quando alguns membros decidem criar sua “independência” no almoço do Círio e começam a organizá-lo em suas próprias casas, deixando de participar na casa dos pais ou parentes. “A gente se separa, mas leva a tradição junto, né?” comenta uma devota.

Em função do elevado preço do pato, muitas famílias trocaram-no

por frango, porco ou mesmo pelo peru-no-tucupi, o “pato-no-tucupi genérico”, como dizem. Mas, para os devotos, a substituição gera conflitos com a tradição como nos comentários do tipo “Olha, na casa do fulano era pato mesmo! Era verdadeiro o pato-no-tucupi!”. Criar o pato tornou-se uma atividade arriscada, pois é grande a possibilidade de a ave ser roubada na época do Círio. Uma mulher já chegou a guardar um pato no banheiro, com medo de que fosse roubado. A sina dos patos no Círio já foi motivo até de charges publicadas em jornais, com o título de “paticídio”.

É comum os devotos se referirem ao *almoço do Círio* como o “Natal dos paraenses”. Alguns dizem que podem até deixar de fazer a ceia do Natal, mas nunca deixariam de fazer o *almoço do Círio*.

MAÇÃS CARAMELADAS
 VENDIDAS DURANTE A
 FESTA DO CÍRIO. FOTO:
 FRANCISCO COSTA

Uma entrevista realizada com uma família de devotos revelou um aspecto curioso do almoço do Círio: a participação de adeptos de outras religiões. “Eu participo de uma religião evangélica, não posso festejar por causa da minha mãe que é da crença evangélica e não aceita essas coisas do Círio na minha casa. Mas só que eu participo, vou na casa dos amigos, como, bebo, festo junto com eles”, diz um rapaz oriundo de uma família evangélica, seguidora da Assembléia de Deus. E justificava sua participação no almoço do Círio da seguinte forma: “Nesse ponto eu não sou nem evangélico, nem católico, entende? O *almoço do Círio* é só uma festa para mim, como outra qualquer. Acho que é uma festa muito bonita”.³⁸

De fato, o *almoço do Círio* pode ter diversos significados. Para uns, é

uma prática religiosa; para outros, trata-se de uma tradição. Mas há também os que dizem: “A gente se preocupa bem mais com a reunião da família do que com a religiosidade”. Para esses o almoço seria mais “um momento de confraternização, quando as sensibilidades estão à flor da pele”. Esta é uma opinião comum entre os mais jovens³⁹. “Círio sem almoço não existe, assim como não existe o Círio sem a maniçoba”, diz um entrevistado. E todos, afinal, concordam que o *almoço do Círio* tanto faz parte de uma cerimônia religiosa, quanto de um momento de confraternização, de reunião dos amigos e familiares. ■





BARRACA DE VENDA
DO TUCUPI. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

ABAIXO
INGREDIENTES USADOS
NO PREPARO DO
PATO-NO-TUCUPI.
FOTO: FRANCISCO
COSTA.





VENDEDOR AMBULANTE
DE BRINQUEDOS DE
MIRITI. FOTO:
FRANCISCO COSTA

UM ESPETÁCULO DE CULTURA POPULAR

O *auto do Círio* é um espetáculo de rua grandioso, com ampla participação popular. O projeto, pensado pela professora, atriz e diretora de teatro, Zélia Amador de Deus, acontece desde 1993 na noite da sexta-feira que antecede a procissão principal do Círio. Trata-se de um cortejo de cultura popular, atualmente organizado pela Escola de Teatro da

Universidade Federal do Pará, com participação da classe artística.

O cortejo percorre as ruas do bairro da Cidade Velha, com os artistas fantasiados (monstros, palhaços, anjos, diabos, bruxas, magos, ciganos, ladrões etc.), desenvolvendo performances teatrais. Durante o percurso são realizadas paradas em *estações* previamente determinadas, localizadas em frente a monumentos históricos. Os espetáculos de música, por exemplo, são realizados em frente à Igreja da Sé; o teatro, na Igreja de Santo Alexandre; a dança, no Solar do Barão de Guajará, as exibições de folclore paraense, na Capela de São João Batista, e a apoteose carnavalesca, entre os palácios do governo estadual – Palácio Lauro Sodré – e do governo municipal – Palácio Antônio Lemos.

Ao longo dos anos foram incorporados elementos de escola-de-samba (bateria, samba-enredo, carros alegóricos, mestre-sala e porta-bandeira), caracterizando a carnavalização do cortejo. Este espetáculo manifesta a relação entre sagrado e profano presente durante todo o seu desenvolvimento, ou seja, começa como uma grande procissão que, posteriormente, transforma-se numa festa de carnaval. O cortejo teatral atrai um grande público, formado pelos moradores da Cidade Velha e de outros bairros. ■



O *arrastão do boi pavulagem* é um cortejo de cultura popular que agrega pessoas de todas as idades em torno da brincadeira do boi-bumbá, principal elemento cênico da atividade, e de outras manifestações culturais do estado, pelas ruas de Belém. Manifestação recentemente introduzida na programação cultural da festa (1999), o *arrastão* acontece sempre na véspera do Círio de Nazaré.

É um desdobramento dos *arrastões* promovidos no mês de junho por toda a cidade. Tem início após a chegada da *procissão pluvial* à escadinha do cais do porto, depois da saída da *romaria dos motoqueiros*, terminando na feira de *brinquedos de miriti*, na praça Frei Caetano Brandão (Largo da Sé) e na praça do Carmo, ambas no bairro da Cidade Velha. Junto a outros acontecimentos culturais

LÁ VEM VINDO O ARRASTÃO

promovidos no período, marca um dos aspectos do lado profano da Festa de Nazaré.

Contando com elementos típicos da cultura paraense, o *arrastão do boi pavulagem* chama atenção pela sua estrutura física, que procura agregar tanto os signos do período das festividades de São João (estandartes dos santos, bandeiras, adereços de mão), como os signos regionais da cobra-

grande, dos cavalinhos, da orquestra de metais (trombone, saxofone, trompete), todos eles advindos do boi-bumbá (boi tinga) do Município de São Caetano de Odivelas. Em 2001 foi introduzida no cortejo a alegoria de uma cobra de 20 metros confeccionada em miriti.

O *arrastão* é sempre acompanhado por um grupo de músicos, que tocam instrumentos rítmicos como tambores, matracas, barricas, chequeré, surdos e caixas. As toadas impõem ao cortejo um ritmo alegre, durante todo o seu desenvolvimento. ■

FILHAS DA CHIQUITA.
 MANIFESTAÇÃO
 PROFANA SURGIDA NO
 RASTRO DA RELIGIOSA
 E QUE PREMIA O
 VEADO DE OURO NA
 NOITE QUE ANTECEDE
 O CÍRIO. FOTO:
 FRANCISCO COSTA.

A FESTA DAS FILHAS DA CHIQUITA

Entre tantas celebrações ligadas ao Círio e à Festa de Nazaré existem algumas que não são organizadas pela *diretoria da festa*. Entre elas destaca-se a chamada *festa das filhas da Chiquita*, repudiada pela *diretoria da festa* e pelas autoridades eclesiásticas.

Nos carnavais de 1975 e 1976, grupos homossexuais e simpatizantes de Belém organizaram um bloco carnavalesco



que saía das proximidades do extinto presídio São José, percorrendo as ruas do centro da cidade, até o Bar do Parque. Foi a origem da polêmica *festa das filhas da Chiquita*. Esse evento tem início na noite do sábado que precede a procissão principal do Círio e acontece, desde 1978, num dos lugares por onde passam as procissões da *trasladação* e do Círio, em frente ao chamado Bar do

Parque, na praça da República. O bar, que funciona 24 horas, fecha apenas no dia do Círio.

Lá aconteceu, em 1977, a *festa de Santo Antônio Casamenteiro*, com a entrega, pela primeira vez, dos prêmios “Veado de ouro” e “Rainha do Círio”. No mesmo ano realizou-se a “transveadação” (referência à *trasladação*) do veado de ouro do bairro da Cidade Velha até o Bar do Parque. Em 1978

FILHAS DA CHIQUITA,
DETALHE. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

realizou-se a primeira *feira das filhas da Chiquita* no sábado da *trasladação*, com a estrutura que conhecemos hoje, ou seja, carimbó tocado pelo grupo Borboletas do Mar, entrega dos prêmios “Veado de Ouro” e “Rainha do Círio” (o ganhador é escolhido independentemente de sua opção sexual) e venda de cerveja. A partir de 1979 artistas locais começaram a participar do evento. Em 1997 introduziu-se o prêmio “Botina de Ouro”, destinado a uma homossexual. As diversas referências ao Círio e à própria Nossa Senhora de Nazaré na *feira das filhas da Chiquita* apresentam, assim, um caráter de resistência, de contestação, de busca de espaço e reconhecimento social pelos homossexuais.

Em 1999 a festa comemorou sua maioria (21 anos) com a realização da “fresquena” –



“novena de fresco” –, com uma pequena celebração realizada pelos próprios participantes do evento. A *feira das filhas da Chiquita* de 2002 também ficou famosa em função de a data marcar os 24 anos de sua existência.

A brincadeira começa logo após a passagem da *trasladação* pelo local. Dela participam grupos homossexuais e simpatizantes da sociedade de Belém. As premiações

acontecem já de madrugada, no próprio dia do Círio, sendo aguardadas com bastante ansiedade pelo público. Nos últimos anos, houve uma tentativa de institucionalização ou de apropriação da festa pelo poder municipal, que passou a participar de sua organização, tendo o evento contado com a presença do prefeito e de outras autoridades municipais. Há quem diga que, com isso, a festa perdeu um pouco de seu caráter espontâneo e independente.

A *feira das filhas da Chiquita* tem permissão de realização concedida pela Prefeitura Municipal de Belém até às 4 horas da manhã. No entanto, a mesma se prolonga de outras formas, por meio do que um entrevistado definiu como a “criatividade anárquica” dos participantes. ■

COMPUTADORES PARA AS MELHORES REDAÇÕES

Com o objetivo de despertar o interesse e ampliar o conhecimento em torno do Círio, a diretoria de evangelização da Festa de Nazaré organiza, desde 1995, o concurso de redação. O público-alvo do evento é formado por alunos do ensino médio e vestibulandos. Os estudantes vencedores, assim como seus professores, recebem computadores como prêmio.

O evento começa a ser preparado no primeiro semestre de cada ano, quando são enviadas as primeiras cartas para as escolas de ensino médio, estimulando a participação dos estudantes. Cada instituição de ensino (pública ou particular) pode inscrever seus alunos, desde que tenham professores que os acompanhem. A redação vencedora do concurso em 2002 expressou com bastante propriedade a emoção e o caráter



espetacular do Círio de Nazaré: “Os que estão na corda viram um único corpo que dança, flutua ao redor de Nossa Senhora. Os que atravessam rios e cidades se fundem em um só pensamento, numa só emoção. Os que caem de joelhos, os que choram, os que criticam, os que amam, todos os personagens entram nessa coreografia de fé e devoção.”⁴⁰ O concurso é divulgado pelas redes de rádio e TV, por meio de cartazes e pela internet. ■

INSTRUMENTOS MUSICAIS PARA AS MELHORES CANÇÕES

O festival da canção mariana, ou *Fescan*, acontece bienalmente na concha acústica da praça Santuário, em frente à Basílica de Nazaré. Foi criado em 1991 pela comissão de culto e pastoral da diretoria da festa, tendo como finalidade propiciar um momento de encontro de evangelização e descontração para os jovens.

É uma atividade musical em que jovens católicos, em sua maioria, apresentam músicas em homenagem a Nossa Senhora, ainda que haja participantes de todas as idades. As composições devem ser de cunho mariano, ou conter aspectos do Círio de Nazaré.

O festival acontece no primeiro final de semana após a procissão do Círio. Na sexta-feira ocorre a primeira eliminatória, no sábado a segunda e, no domingo, a grande final que, no ano de 2002,

MENINO VENDENDO
BRINQUEDOS DE
MIRITI. AO FUNDO
TORRE DO MERCADO
DO PEIXE.

PÁGINA AO LADO
BRINQUEDOS DE
MIRITI, DETALHE.
FOTO: FRANCISCO
COSTA.

A FEIRA DE BRINQUEDOS DE MIRITI



teve cobertura ao vivo da TV Nazaré (pertencente à arquidiocese). A entrega dos prêmios é feita no encerramento da Festividade de Nazaré. Nos primeiros anos do festival a premiação era em dinheiro, mas atualmente os vencedores ganham instrumentos musicais. ■



Esta feira, que ocorre no sábado e no domingo do Círio, acontece nas praças do Carmo e Frei Caetano Brandão (Largo da Sé). Desde 1905 os *brinquedos de miriti* constituem uma das principais tradições do Círio de Nazaré.⁴¹ O miriti, material utilizado na fabricação dos brinquedos, é retirado da palmeira do mesmo nome, que cresce nas regiões de várzea da Amazônia. Trata-se de um material leve e maleável, mas que exige uma técnica especial para ser trabalhado.

Os artesãos que fabricam os brinquedos são originários do município de Abaetetuba, próximo a Belém. Os brinquedos, pintados em cores alegres, reproduzem aspectos da realidade ou do imaginário amazônico, como animais (botos, cobras, tatus, pássaros), embarcações (montarias,

batelões, canoas a vela, lanchas), objetos do trabalho cotidiano (pilões), aviões e figuras humanas. É comum ver-se promesseiros conduzindo esses brinquedos durante a procissão principal do Círio, como forma de pagamento de promessa, ou seja, transformando-os em *ex-votos*.

Os *brinquedos de miriti*, que chegam a ser exportados para outros estados e até para o exterior, são utilizados não somente no lazer infantil, mas também como objetos de decoração. Além de serem encontrados na *feira de brinquedos de miriti* são vendidos também por ambulantes, expostos em girândolas⁴² ao longo de todo o trajeto da procissão principal do Círio. ■

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO CÍRIO

Nos seus primeiros anos de existência o Círio e a Festa de Nazaré eram organizados pela Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, nos moldes do que acontecia com outras festas de santos nos períodos colonial e imperial. Na ocasião do primeiro conflito que ocorreu com o Círio, nos anos 70 do século XIX, o bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, nomeou uma comissão

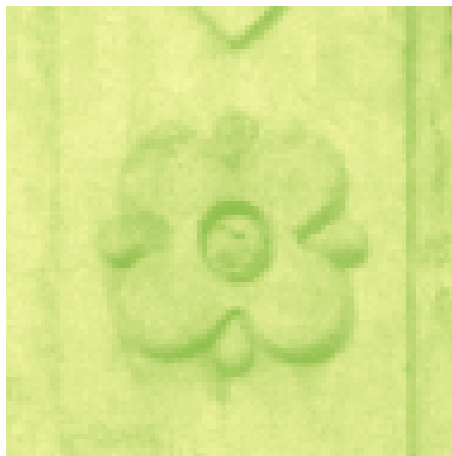
de confrades e religiosos para gerir as festividades em honra à Nossa Senhora de Nazaré.

A Irmandade de Nazaré aos poucos foi perdendo sua importância, até ser substituída por uma diretoria, instituída em 1910.

Atualmente quem organiza o Círio e a Festa de Nazaré, desde suas primeiras manifestações, com a *missa do mandato*, até o seu término, com o *recírio*, é a *diretoria da festa*, constituída por 35 representantes de vários segmentos da sociedade local. Cada diretor é responsável por determinados aspectos da organização da festa, havendo entre eles um presidente, eleito por dois anos. Todo o trabalho é feito, porém, sob a supervisão do pároco de Nazaré. A diretoria trabalha durante o ano inteiro, mas quando se aproxima a data do Círio passa a se reunir todas as noites.

Embora da composição da *diretoria* oficialmente só participem os homens, o trabalho é, na realidade, feito pelo casal, cabendo às mulheres a organização de vários aspectos do ritual, entre eles a decoração da *berlinda* e as providências para a confecção do manto que, todos os anos, veste a imagem da santa. Neste último caso, a encarregada de sua confecção produz vários modelos que são apresentados às mulheres dos *diretores da festa*. Estas escolhem três deles e os apresentam ao presidente da *diretoria da festa de Nazaré*, que é sempre o pároco de Nazaré, cabendo a ele decidir qual será o modelo final.

Além da *diretoria*, que exerce de fato a gestão da festa religiosa, destaca-se atualmente uma outra organização, que é a *guarda da santa*, cuja finalidade é garantir a ordem



ABAIXO
ANTIGA DIRETORIA,
COM DOM IRINEU
JOFFILY.

na ocasião dos diversos eventos que compõem a festividade. Esta guarda atua uniformizada, porém desarmada. Sua função é evitar, pelo convencimento, excessos que possam ocorrer nos eventos, funcionando como um elemento disciplinador durante a procissão.

Em 1995, por questões de segurança, houve uma alteração no ponto de fixação ou *atrelamento* da *corda* na *berlinda*, para evitar que a *corda* tivesse de fazer uma curva de 90° numa via estreita nas proximidades da doca do Ver-o-Peso, responsável por muitos acidentes. O *atrelamento* deixou então de ser feito na praça Frei Caetano Brandão, em frente à catedral, passando para o *boulevard* Castilhos França, em frente ao mercado de peixe. Também nesse ano, a *diretoria da festa* começou a preparar a sonorização da procissão



do Círio. A parte comercial e de evangelização da sonorização, que antes era feita com pequenos carros de som, de alcance limitado, passou a ser realizada pela Rádio Nazaré.

O Círio mais demorado de todos os tempos foi o de 2000,

quando a imagem da Virgem de Nazaré chegou à basílica às 15:45 h. A *corda* ficou atrelada à *berlinda* o tempo todo, tanto na *trasladação* como no Círio. No mesmo ano, o *carro do Plácido* foi incorporado à procissão, como forma de

FIEL CARREGANDO
UM PEDAÇO DA
CORDA. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

homenagear o caboclo que encontrou a imagem. Atualmente, a *berlinda* leva cerca de cinco horas para chegar à praça Santuário. A procissão principal do Círio de Nazaré começa por volta das 7 horas da manhã de domingo. Segundo estatísticas oficiais, cerca de um milhão e meio de pessoas saem às ruas para acompanhar, rezar, aplaudir e pagar promessas.

Toda a organização do evento cabe à *diretoria da festa*, que é subdividida em nove comissões. Tão logo acabam as atividades do Círio, os diretores já começam a trabalhar na organização da festa do ano seguinte. Desde sua criação, os membros da *diretoria da festa* têm uma preocupação muito grande com a organização do Círio de Nazaré. Diversas iniciativas foram tomadas nesse sentido, umas partindo da própria *diretoria*, outras



atendendo a reivindicações dos devotos, como as iniciativas de sonorização, segurança e mesmo as que têm como objetivo preservar a tradição, tais como o *círio das crianças*, o *concurso de redação* e as novas romarias. Só que, muitas vezes, medidas que são pensadas como racionalizadoras da procissão acabam gerando conflitos com os devotos, como aqueles que envolveram a *berlinda* e a *corda*.

Segundo Arnaldo Pinheiro, da *diretoria da festa*, todo o evento mobiliza recursos em torno de oitocentos mil reais. Desse total, cerca de 60% são financiados pelos governos estadual e municipal. O restante é conseguido com instituições públicas e privadas, e doações espontâneas de devotos. Quando sobra dinheiro, este é dividido entre a Arquidiocese de Belém, a Congregação dos Padres Barnabitas e obras sociais da Paróquia de Nazaré.

Um incêndio ocorrido em uma loja (Casa Chama) próximo ao mercado Ver-O-Peso, no dia do Círio de 2002, exigiu algumas alterações no trajeto da procissão, que teve que ser adiantada cerca de 300 metros e alterada a ordem dos carros. A *corda* continuou no seu ponto de saída tradicional, o *boulevard Castilhos França* e a *berlinda*

CATEDRAL DA SÉ
DE BELÉM. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

seguiu à frente da procissão, chegando na praça Santuário às 11:15 h. Em função disso, muitos devotos que se prepararam para ver a imagem chegar na praça Santuário no horário costumeiro, por volta das 13 ou 14 horas, ficaram frustrados.

Com o passar dos anos, a procissão principal do Círio de Nazaré foi ampliando o leque de homenagens prestadas à Nossa Senhora de Nazaré. A cada ano a festa se amplia, desdobrando-se em outras tantas celebrações que passam a compor o Círio de Nazaré como um todo. Enquanto certas tradições surgem e desaparecem, outras permanecem e passam a constituir elementos essenciais da romaria. ■



O CÍRIO COMO OBJETO DE REGISTRO



REGISTRO DE MEMÓRIA, TRADIÇÃO E IDENTIDADE

PÁGINA AO LADO
SAÍDA DA PROCISSÃO
DA CATEDRAL DA SÉ
DE BELÉM.
FOTO: LUIZ BRAGA.

“**E**m termos de comparação, o Círio é a correspondência humana da pororoca”. Com estas palavras o escritor Eidorfe Moreira definiu o Círio de Nazaré.⁴³ Nas palavras de outro escritor, Leandro Tocantins, muitos romeiros “não conseguem romper os caminhos tomados de gente e ficam em lugares onde possam juntar-se ao caudal humano, que, à semelhança de um rio imenso, vai recebendo nas ruas e travessas a contribuição de afluentes volumosos de romeiros”.⁴⁴

Para muitos, o Círio é o dia do retorno à terra natal, do reencontro com amigos, familiares e com a cidade de Belém. Da mesma forma que no resto do mundo se diz “Feliz Natal!”, no Pará se diz “Feliz Círio!”, “um bom círio pra você!” Por tudo isso, pode-se afirmar que o Círio de

Nazaré é um elemento fundamental da identidade do paraense. Como disse o jornalista Angelim Netto, em artigo para o jornal *Folha do Norte* em 1926: “Trabalha-se no Pará o ano todo, sofrendo as necessidades, para em outubro vestir uma roupa nova e almoçar como um príncipe no dia do Círio. O Pará, sem a festa de Nazaré, não seria Pará”.⁴⁵

Diante da grandiosidade e importância de uma manifestação de mais de 200 anos, é desnecessário falar em extinção. É claro que muitos aspectos do Círio sofreram alterações ao longo dos anos, o que não poderia ser diferente em se tratando de um fenômeno cultural. Mas não é possível afirmar, como o fez Clóvis Meira, que “a tradição desapareceu”.⁴⁶ A tradição transformou-se, recriou-se, atualizou-se, acompanhando

a dinâmica da história.

O reconhecimento de um bem de natureza imaterial como patrimônio cultural brasileiro, por meio do Registro, atribui a ele valor representativo da cultura e da identidade brasileiras. Ao cancelar determinada manifestação cultural com esse título, a União assume tanto a responsabilidade de acompanhar os possíveis desdobramentos e reflexos desse ato sobre o bem, quanto o compromisso com a sua preservação. Compromisso este que se traduz na sua divulgação e valorização, e também na recomendação de ações para sua salvaguarda.

Se não há razão para preocupações com o desaparecimento do Círio de Nazaré, há uma série de medidas que podem ser adotadas para sua preservação e

RITUAL DE CORTAR
A CORDA QUE
CARACTERIZA O FIM
DA PROCISSÃO DO
CÍRIO. FOTO:
FRANCISCO COSTA

para maior segurança daqueles que acompanham o Círio e a *trasladação*, bem como as demais programações religiosas e culturais que integram a festa. Uma procissão que conta com a participação de cerca de um milhão e meio de pessoas num só dia, constitui um desafio sob qualquer aspecto. Sobretudo quando ela acontece há mais de 200 anos sobre o mesmo espaço físico, independentemente da quantidade de pessoas que dela participam. Como organizar tanta gente? Como evitar que as pessoas se machuquem, principalmente porque as ruas de Belém se tornam pequenos caminhos no dia da procissão? Como avaliar o limite desse espaço físico em relação ao número máximo de pessoas em condições de segurança para ambos?

Não se pode perder de vista que a força da manifestação



está na participação popular. São os devotos, os romeiros e os promesseiros os maiores responsáveis pela continuidade da tradição nesses 211 anos. É importante incentivar ações de educação patrimonial, por meio do sistema educacional e das próprias paróquias, para que valorizem a festa do Círio também como patrimônio cultural, e não apenas sob o enfoque religioso.

É preciso conviver com o sagrado e com o profano. Afinal, eles não se excluem, complementam-se e fazem parte dessa grandiosa manifestação que a cada ano parece aumentar sua “área de captação”, expressão utilizada por Eidorfe Moreira ao referir-se à área de abrangência da procissão, cujos limites geográficos são imprecisos, sobretudo quando começam a ser vistos com interesse turístico.⁴⁷

Todos os anos os jornais editam cadernos especiais narrando as origens do Círio e os principais conflitos ao longo da história; a televisão convida especialistas no tema para responder quase sempre as mesmas perguntas, como a importância da imagem de Maria na vida das pessoas, o significado da *corda*, das promessas, a força da fé. De fato, o Círio de Nazaré é um ritual da memória. Ele nos permite

DETALHE DE DEVOTA
SEGURANDO TERÇO
E BÍBLIA.
FOTO: LUIZ BRAGA.



perceber que “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória”.⁴⁸ Nele, os paraenses sintetizam sua identidade não apenas ao evocar uma seqüência de reminiscências, mas ao serem envolvidos em uma teia de retrospectiva unificadora. As lembranças coletivas são mobilizadas para sustentar identidades associativas duradouras.

O Círio também desperta e reforça o valor da solidariedade entre as pessoas que dele participam, aguçando o sentido de comunhão. Enquanto muitos devotos distribuem água ao longo da procissão, outros auxiliam os que desmaiam de emoção ou que são sufocados pelo calor. Há ainda aqueles que ajudam os que fizeram

promessa de cumprir uma parte do trajeto de joelhos, segurando-os pelos braços, limpando o caminho ou abanando-os para aliviar o calor. Os romeiros que chegam do interior logo encontram acolhimento na casa de alguém, muitas vezes desconhecido.

A trajetória de cada devoto é, ao mesmo tempo, única e coletiva, uma vez que expressa o conjunto dos problemas e das aflições comuns à coletividade dos paraenses e mesmo dos brasileiros. Identificam-se na devoção elementos comuns à cultura nacional, tais como a religiosidade popular marcada pela peculiar relação sagrado-profano, o culto dos santos, bem como a idéia de comunhão nacional, para além de todas as singularidades regionais. Na procissão vêem-se os promesseiros carregando *ex-votos*

representando casas, barcos, partes do corpo, animais, materiais de construção, mostrando ao mesmo tempo os males e as alternativas encontradas para a resolução de seus problemas.

A procissão principal do Círio de Nazaré é um desfile etnográfico. Diante do descaso dos poderes constituídos, diante da profunda desigualdade social que marca o país, muitos buscam auxílio na fé. A religiosidade que caracteriza o Círio de Nazaré é marcada pela experiência da angústia, da dor, mas também da esperança, da fé no poder supra-humano da Virgem de Nazaré. Nas palavras de Leandro Tocantins, “a cidade cria, no domingo do Círio, uma nova alma. Transfigura-se. Perde o seu modo de ser cotidiano”.⁴⁹

Delimitar o objeto de registro como patrimônio histórico e

ARRAIAL DA
PAVULAGEM. FESTA
PROFANA TRADICIONAL
QUE SE INCORPOROU
AO CÍRIO E ACONTECE
NA SEQÜÊNCIA DAS
ATIVIDADES QUE
ANTECEDEM A FESTA.
AO FUNDO MERCADO
DO PEIXE. FOTO:
FRANCISCO COSTA.



cultural do Círio de Nazaré não foi uma tarefa fácil, pois não se pode reduzir uma celebração de mais de 200 anos a apenas algumas de suas manifestações, já que todas as celebrações e demais bens associados ao evento constituem o Círio de Nazaré em sua completude atual. É possível reconhecer, entretanto, que alguns desses bens vinculados à festividade apresentam características especiais.

Em relação à inserção no tempo da longa duração, encontram-se os elementos que possuem uma continuidade histórica suficiente para que se possa considerá-los como essenciais à festa de Nazaré, como a procissão do Círio, a imagem da santa, a *trasladação* e a *corda*. Destes, alguns acompanham o Círio desde suas origens. Em segundo lugar, estão aqueles elementos que, muito embora de

menor densidade histórica, foram incorporados à tradição de tal forma que é impossível pensar o Círio de Nazaré sem eles. Neste caso estão, por exemplo, o *almoço do Círio* e os *brinquedos de miriti*.

O reconhecimento destes bens como patrimônio cultural brasileiro não tem caráter cristalizador, ou seja, não se quer dizer com isto que somente tais bens representam o que há de essencial no Círio de Nazaré e que por isso não poderão ser alterados. Muito pelo contrário, pela legislação do registro, estes deverão ser revistos no máximo a cada dez anos para reavaliação e atualização. É possível que não haja unanimidade quanto à inclusão ou exclusão de um ou outro bem no conjunto das celebrações essenciais do Círio de Nazaré, mas é preciso não perder de vista os critérios

utilizados nessa caracterização. A dinâmica própria do Círio mostrará, nos anos vindouros, se tais elementos continuarão ou não sendo essenciais ou se serão substituídos por outros.

A dinâmica dessas mudanças não depende unicamente do Iphan, da *diretoria da Festa de Nazaré*, do clero ou dos devotos. Mas as mudanças ocorrem, queiramos ou não, como fruto do embate permanente entre os diversos sujeitos envolvidos na realização do evento, num permanente processo de negociação e conflito, de alianças e rupturas. É essa a lógica das transformações. ■

ELEMENTOS ESSENCIAIS

A PROCISSÃO PRINCIPAL

A procissão principal do Círio de Nossa Senhora de Nazaré corresponde ao traslado da *imagem peregrina* da Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha, até a praça Santuário, no bairro de Nazaré. Mesmo que não seja uma das mais antigas procissões da cidade e que Nossa Senhora de Nazaré não seja a padroeira oficial de Belém, é, sem dúvida, a romaria que mobiliza o maior número de pessoas, extrapolando as fronteiras geográficas do município, do estado e até da região. Além disso, pelo seu valor cultural, o Círio consegue transpor as barreiras da religião, constituindo atração mesmo para aqueles que têm outras crenças, como já foi comentado.

AS IMAGENS ORIGINAL E PEREGRINA

As imagens de Nossa Senhora de Nazaré estão sempre presentes nos lares, escritórios, comércios, feiras e mercados, mas é durante o Círio de Nazaré que se tornam o centro de todas as atenções. A ligação simbólica dos devotos com Deus se faz, principalmente, via imagem de Nossa Senhora de Nazaré e não via clero, fenômeno comum no catolicismo popular brasileiro. Como expressão dessa relação direta, os fiéis confeccionam mantos para vestir a imagem, envolvem-na em fitas decorativas, decoram a *berlinda* que a conduz etc. Assim, as imagens *original* e *peregrina* de Nossa Senhora de Nazaré são elementos essenciais da celebração do Círio e seu principal símbolo de fé, devoção e tradição.



IMAGEM PEREGRINA
DE NOSSA SENHORA DE
NAZARÉ.

FOTO: LUIZ BRAGA.

A TRASLADAÇÃO

Realizada atualmente no segundo sábado de outubro, a *trasladação* é a procissão que antecede o Círio. É quando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré é conduzida do Colégio Gentil, até a Catedral da Sé, de onde sairá na manhã seguinte na procissão do Círio. Muito embora tenha sofrido modificações em seu percurso ao longo dos anos, esta celebração acompanha o Círio de Nazaré desde sua origem, em 1793. Pelo fato de ser realizada à noite, a procissão ganha um brilho especial, pois milhares de pessoas a acompanham com velas acesas, como pagamento de promessas, rezando contritas, entoando o hino de Nossa Senhora de Nazaré.

Esta procissão, em conjunto com o Círio propriamente dito, realizado no dia seguinte, pela

DETALHE DA
BERLINDA.
FOTO: LUIZ BRAGA.



manhã, revive o mito das “fugas” da imagem da santa quando encontrada por Plácido, em 1700. Uma não existe sem a outra, logo, ambas são essenciais e complementares desde suas origens.

A BERLINDA

Introduzida na procissão em 1855, a *berlinda* é o nome dado ao andor onde é transportada a imagem *peregrina* durante a *trasladação* e o Círio. Foi plenamente assimilada pelos fiéis como parte importante e integrante da procissão, formando com a imagem da santa e com a *corda* a tríade mais importante e indissociável do cortejo e um elemento essencial do Círio de Nazaré.

A CORDA

Entre a utilização da *corda* pela primeira vez (1855) no Círio de Nazaré e sua oficialização pela igreja (1868), 13 anos se passaram. Aos poucos ela foi ganhando novos significados para os devotos, sendo que todas as iniciativas de modificação relativas à *corda* receberam forte reação dos devotos.

Com o passar dos anos, esse espaço passou a ser disputado como fonte de *status* e foram muitas as críticas dos devotos, pois o inchaço da *corda* tornava a procissão mais lenta. Todas as tentativas de “organizar” ou “disciplinar” o espaço, entretanto, foram infrutíferas, seja pela reação dos devotos, seja pela própria dificuldade de se organizar mais de um milhão de pessoas durante uma procissão.

Atualmente, a *corda* é um dos elementos mais característicos do Círio de Nazaré. Os seus 400 a 450 metros parecem insuficientes diante da quantidade de mãos dispostas a segurá-la. Ela simboliza a ligação dos promesseiros com Nossa Senhora de Nazaré. É diante dessa sacralização conferida pelo povo que se pode definir a *corda* como um dos elementos essenciais do Círio de Nazaré.



DEVOTAS. FOTO:
PAULO BENJAMIN.

O RECÍRIO

Há mais de um século incorporado às festividades do Círio, o *recírio* marca o encerramento da quadra nazarena. É quando a imagem *peregrina* de Nossa Senhora de Nazaré retorna para o Colégio Gentil, de onde saiu para a *trasladação* no sábado que antecede a procissão do Círio. Ato religioso final da festividade de Nazaré, o *recírio* tem início com a missa na praça Santuário, onde ocorre a incineração das súplicas depositadas aos pés da *imagem original* da santa na Basílica de Nazaré, simbolizando o envio desses pedidos para o céu. Ao final da missa tem início a procissão que, após percorrer algumas vias nas imediações da basílica, dirige-se para o Colégio Gentil, onde todos os presentes serão abençoados pelo arcebispo de Belém.

Por sua antiguidade e pela grande afluência popular o *recírio* é outro dos elementos essenciais do Círio de Nazaré.

O ARRAIAL

Presente em toda festa de santo, o *arraial* não poderia faltar no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, acompanhando-o desde suas origens. É um local de comércio, de festa e ponto de encontro de devotos e não devotos durante toda a *quadra nazarena*. Espaço da comida, da bebida, do jogo, da diversão, é marcado pelo aspecto profano da festa, mas entendido pelo devoto como parte da expressão de sua devoção. Em função disso, é também um espaço de conflito entre devotos e membros do clero.

O *arraial* também nos permite acompanhar as mudanças, o conflito entre o velho e o novo,

entre o tradicional e o moderno, a moda e os costumes das diversas épocas já atravessadas pela festa de Nossa Senhora de Nazaré.

Historicamente, Círio e *arraial* estão associados e não há como separá-los para efeito do Registro, já que ambos atendem à questão da ocorrência no tempo e também da tradição.

O ALMOÇO DO CÍRIO

O *almoço do círio* é uma das principais tradições do Círio de Nazaré, muito embora o início de sua prática não seja datado. Depois da procissão principal do Círio, as famílias se reúnem nos lares para uma grande confraternização e também para saborear os deliciosos pratos típicos da cozinha regional paraense, especialmente o pato-no-tucupi e a maniçoba. É, ao mesmo tempo, prática religiosa,

elemento da tradição e oportunidade para confraternização das famílias.

AS ALEGORIAS

De influência lusitana, as *alegorias* fazem parte da estrutura da procissão principal do Círio de Nazaré desde suas origens. Apesar de muitas delas terem sofrido modificações ao longo do tempo, de outras só existirem na memória e de outras ainda terem sido criadas, acompanhando a própria dinâmica de transformações do Círio, algumas delas constituem elementos essenciais da procissão, pois fazem referência a milagres fundamentais da santa.

Introduzidas no cortejo há pelo menos 100 anos⁵⁰ – ainda que com algumas alternâncias – são parte da memória coletiva e também permanecem na procissão,

constituindo mais uma tradição do Círio de Nazaré. Portanto, foram consideradas elementos essenciais desta manifestação.

OS BRINQUEDOS DE MIRITI

Os *brinquedos de miriti* também constituem um elemento essencial ao Círio de Nazaré. Feitos do caule da palmeira miriti pelos artesãos paraenses, recriam, em miniatura, a fauna e a flora da Amazônia, além de aspectos do imaginário amazônico. Vêm-se também miniaturas de embarcações, objetos do trabalho cotidiano, aviões, figuras humanas e vários outros temas. Muitos devotos conduzem objetos feitos de miriti durante a procissão principal do Círio, como forma de pagamento de promessa.

A *feira dos brinquedos de miriti* ocorre no sábado e no domingo do Círio, nas praças do Carmo e Frei

MENINO VENDENDO
BRINQUEDOS
DE MIRITI. FOTO:
LUIZ BRAGA.



Caetano Brandão (Largo da Sé), mas os brinquedos também podem ser encontrados expostos nas girândolas dos vendedores, configurando um aspecto bastante peculiar na procissão. Mesmo que já não sejam exclusividade da festa, como há alguns anos, hoje em dia é impossível imaginar o Círio de Nazaré sem eles. ■

CARRO DE D. FUAS
DE ROUPINHO.
FOTO: LUIZ BRAGA.



CONCLUSÃO

O reconhecimento de um bem de natureza imaterial como patrimônio cultural brasileiro, por meio do Registro, atribui a ele valor representativo da cultura e da identidade brasileiras.

Ao cancelar determinada manifestação cultural com esse título, a União assume tanto a responsabilidade de acompanhar os possíveis desdobramentos e reflexos desse ato sobre o bem, quanto o compromisso com a sua preservação. Compromisso este que se traduz na sua divulgação e valorização, e também na recomendação de ações para sua salvaguarda.

Tais recomendações destinam-se a todos que, direta ou indiretamente, desempenham algum papel na gestão e organização do Círio, inclusive os órgãos municipais, estaduais

e federais que recebem atribuições na procissão ou nas demais celebrações e eventos associados à festividade e que podem, de alguma maneira, contribuir para a sua continuidade.

Diante da grandiosidade e importância de uma manifestação de mais de 200 anos, não se pode falar em extinção. Apesar de muitos aspectos do Círio terem sofrido alterações ao longo dos anos, não se pode dizer que a tradição tenha desaparecido. Ela simplesmente transformou-se, recriou-se, atualizou-se, acompanhando a dinâmica da história.

Se não há razão para preocupações com o desaparecimento do Círio de Nazaré, há uma série de medidas que podem ser adotadas para sua preservação e para maior segurança

daqueles que acompanham o Círio e a *trasladação*, bem como as demais programações religiosas e culturais que integram a festa. Uma procissão que conta com a participação de cerca de um milhão e meio de pessoas num só dia, constitui um desafio sob qualquer aspecto.

O Círio atrai turistas, faz lotar hotéis e restaurantes, movimenta a economia da cidade. Não há como negar que isto traz benefícios para o município, mas o importante é estar atento para que os interesses econômicos não venham a desvirtuar o caráter popular e sagrado da manifestação, pois é ele o responsável pela sua longevidade e força vital. Não se pode perder de vista que a força da manifestação está na participação popular. São os devotos, os romeiros e os promesseiros os grandes



BERLINDA CHEGANDO
À BASÍLICA DE NAZARÉ
ONDE TERMINA
A PROCISSÃO. FOTO:
FRANCISCO COSTA.

responsáveis pela continuidade da tradição nesses 211 anos.

O Círio de Nazaré é um acontecimento que envolve, direta ou indiretamente, toda a população paraense, estendendo ainda sua influência para além dos limites do estado do Pará. É mais do que um mero fenômeno religioso, podendo ser observado e compreendido sob diversos pontos de vista: religioso, estético, turístico, cultural, sociológico, antropológico etc.

No Círio, o sagrado e o profano não se excluem, complementam-se, e ambos fazem parte dessa grandiosa manifestação. ■



NOTAS

1. Cf. NETTO, Angelim. *A Festa de Nazareth e o Arcebispo Joffily*. Folha do Norte, Belém, 1926.
2. Plácido José dos Santos é um personagem histórico controverso, mas de existência documentada. Era filho do português Manuel Ayres de Souza e sobrinho de um dos primeiros capitães-mor do Grão-Pará, Ayres de Souza Chichorro. Sua esposa era paraense e se chamava Ana Maria Pinto da Gama. Moravam na região conhecida como estrada do Maranhão (hoje bairro de Nazaré). Conferir *Círio de Nazaré, informações úteis e importantes*. Belém, Diretoria da Festa de Nazaré, 2000.
3. Cf. MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: CEJUP, 1995, p. 54.
4. Cf. COELHO, Geraldo. *Uma Crônica do Maravilhoso. Legenda, Tempo e Memória no culto da Virgem de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998, p. 126.
5. Cf. ALMEIDA PINTO, Antônio Rodrigues de. "O bispado do Pará". *Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará*, Tomo V. Belém: Typ. e Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1906, p. 39-40 e 89-90.
6. Cf. ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da Festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981, p. 42.
7. Cf. VIANNA, Arthur. "Festas populares do Pará; I – A Festa de Nazareth". *Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará*, Tomo III. Belém: SECULT, 1968, p. 235.
8. Cf. *A boa nova*, Belém, 17/II/1874, p. 4.
9. VIANNA, Arthur. Op. Cit, p. 235.
10. Cf. NASSAR, Flávio. *Você acha que se deveria tomar a corda como Patrimônio Cultural do Estado? O Liberal*, Belém, 1997.
11. Segundo Almeida Pinto (1906, p. 90), Plácido destinou a posse da imagem da santa a Antônio Agostinho por ter reconhecido nele "maior devoção e piedade" e, após a morte de Plácido, este mudou-se para o local da devoção.
12. Cf. COELHO, Geraldo. op.cit. p. 121.
13. Cf. BOGA, Mendes. *D. Fuas Roupinho e o Santuário da Nazaré*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, Ltda, 1948, p. 51-52.
14. Cf. MONTARROYOS, Heraldo. *Festas Profanas e Alegrias Ruidosas*. Belém: Falângola, 1992.
15. Cf. ALVES, Isidoro. *O Carnaval Devoto: Um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis: Vozes, 1980.
16. Cf. BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera: o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/UFPA, 2004.
17. Cf. ROCQUE, Carlos. op. cit. p. 63-64.
18. Cf. LUSTOSA, D. Antônio de Almeida. *Dom Macedo Costa (Bispo do Pará)*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
19. Cf. HENRIQUE, Márcio Couto. "O Senhor do Céu não é o Senhor da Terra: a experiência religiosa dos escravos nas irmandades paraenses (1839-1889)". Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de História da UFPA para obtenção dos graus de Licenciatura e Bacharelado em História. Belém, UFPA, 1997.
20. Cf. ROCQUE, Carlos. op. cit. pp. 85-121.
21. Cf. NASSAR, Flávio. op. cit.
22. Cf. MAUÉS, Raymundo Heraldo. "Um julgamento político: notas sobre o caso dos padres e posseiros do Araguaia". *Comunicações do ISER* 1(2): 31-38, Rio de Janeiro, 1982.

23. Cf. DEL PRIORY, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 104.

24. Cf. DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

25. Cf. ALVES, Regina. *Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea, Programa de Mestrado Institucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal do Pará/ Universidade Federal da Bahia. Belém, 2002.

26. Depoimento da professora Isa Carmem durante entrevista focal. Belém, 15/09/2002.

27. A canção “Esse rio é minha rua” foi gravada por Fafá de Belém, pela Polygran e por Paulo André, pela Continental. Conferir OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. Belém, CEJUP, 1990, p. 172.

28. A barraca da santa é uma ampla edificação, ao lado da Basílica de Nazaré, onde se promovem leilões e jantares, pagos como num restaurante, preparados por organizações ou movimentos católicos, com a finalidade de angariar fundos, ao longo da *quadra nazarena*. Em toda festa de santo, no Pará, existe a barraca do santo ou da santa, com essa finalidade. Os recursos angariados servem para o custeio da própria festa, para as despesas da paróquia ou para outras finalidades relacionadas com o culto católico.

29. Entrevista concedida por Odon Carlos, organizador do Traslado da imagem em Ananindeua. Belém, 17 de outubro de 2002.

30. Entrevista concedida por José dos Santos Ventura, da Diretoria da Festa de Nazaré. Belém, 12 de setembro de 2002.

31. A chamada imagem *peregrina* é a que atualmente sai na trasladação e na procissão principal do Círio, já que a imagem que foi encontrada por Plácido, identificada como a “Original”, permanece o ano inteiro na Basílica de Nazaré.

32. Entrevista concedida pelo Padre Luciano, Belém, 16/08/2002.

33. Na verdade, apesar de muitos devotos acreditarem que a imagem *peregrina* permanece no Colégio Gentil Bittencourt, ela fica mesmo na Basílica de Nazaré, sob os cuidados do pároco.

34. Entrevista concedida pelo padre Luciano Brambilla. Belém, 17 de setembro de 2002. Alacid Nunes foi governador do Pará entre 1966 e 1971.

35. Entrevista concedida pelo padre Luciano Brambilla. Belém, 17 de setembro de 2002.

36. Os recursos financeiros para a construção da praça foram viabilizados pelo presidente João Figueiredo, atendendo solicitação do padre Luciano Brambilla, junto com a *diretoria da festa* e com o apoio do deputado federal Jorge Arbage.

37. Entrevista concedida pelo padre Luciano Brambilla. Belém, 17 de setembro de 2002.

38. Entrevista focal realizada na residência da senhora Lucila Alves da Conceição. Belém, 15 de setembro de 2002.

39. Idem.

40. Cf. *Livro das peregrinações*. Belém: Arquidiocese de Belém, 2003, p. 3.

41. VIANNA, Arthur. *Festas populares do Pará*; I – A Festa de Nazaré. Belém: Annaes da Biblioteca e Archivo Público do Pará, Tomo III, SECULT, 1968.

42. Espécie de cabide, fabricado com o próprio miriti, onde são expostos os brinquedos para venda. Conferir LOUREIRO, João de Jesus Paes.

“Brinquedos de Miriti”. In *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, Belém: CEJUP, 1995.

43. Cf. MOREIRA, Eidorfe. *Visão geo-social do Círio*. Belém: Imprensa Universitária, 1971.

44. Cf. TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

45. Cf. NETTO, Angelim. *A Festa de Nazaré e o arcebispo Joffily*. Belém: Folha do Norte, 1926.

46. MEIRA, Clóvis. “O Círio no presente e no passado”. *A Província do Pará*. Belém: 17/18 de novembro de 1996, cad. 3.

47. Cf. MOREIRA, Eidorfe. *Visão Geo-Social do Círio*. Belém, Imprensa Universitária, 1971, p. 16

48. Cf. LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. *Revista Projeto história*. São Paulo: PUC, número 17, novembro, 1998, pp. 83.

49. Cf. TOCANTINS, Leandro. *Op. cit.*
50. KERBEY, J. Orton. *Op. cit.*

A descrição da procissão feita por Kerbey (1911), mesmo tratando como ridículas e exóticas algumas dessas alegorias, menciona a presença ao longo do cortejo, além da *corda* e da *berlinda* com a santa, de carros com figuras representando milagres, barcos, caixões de pessoas que presumivelmente teriam ressuscitado por milagres da Virgem, carros de anjos e votos de cera. O relato do cônsul nos mostra que há cerca de um século esses elementos já integravam a procissão do Círio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Boa Nova*, Belém, 17/II/1874.
- ALMEIDA PINTO, Antônio Rodrigues de. “O bispado do Pará”. *Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará*, Tomo v. Belém: Typ. e Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1906.
- ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- ALVES, Regina. *Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global*. Dissertação de mestrado em comunicação e cultura contemporânea, programa de mestrado institucional em comunicação e cultura contemporâneas, Universidade Federal do Pará / Universidade Federal da Bahia. Belém: 2002.
- BARATA, Manuel. “Apontamentos para as Efemérides Paraenses”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: 1921.
- BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera: o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/UFPA, 2004.
- BOGA, Mendes. *D. Fuas Roupinho e o Santuário da Nazaré*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, Ltda, 1948.
- BONNA, Mizar. *Círio. Painel de vida*. 2ª ed. Belém: Secult, 1992.
- _____. *Dois séculos de Fé*. Belém: Cejup, 1993.
- _____. *Corda do Círio, marca de fé, vamos pensar juntos?* Belém: Labor Editorial, 2001.
- Círio de Nazaré, informações úteis e importantes*. Belém: diretoria da Festa de Nazaré, 2000.
- COELHO, Geraldo. *Uma crônica do maravilhoso: legenda, tempo e memória no culto da Virgem de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963 (1902).
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DEL PRIORY, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Diretoria da Festa de Nazaré. *Festa de Nossa Senhora de Nazaré – Belém-PA*, 2002.
- HENRIQUE, Márcio Couto. *O senhor do céu não é o senhor da terra: a experiência religiosa dos escravos nas Irmandades paraenses (1839-1889)*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de História da UFPA para obtenção dos graus de licenciatura

- e bacharelado em história.
Belém: UFPA, 1997.
- ____ “O Povo no Círio: imagens da presença popular na festa de Nazaré em Belém do Pará nos fins do século XIX”.
In: *Anais da 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC)*. Belo Horizonte: 13 a 18 de julho de 1997.
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- KERBEY, J. Orton.
An american consul in Amazônia. Capítulo XXI. Willian Edwin Rudge. Nova Iorque, :1911.
- KIDDER, Daniel Parish.
Reminiscências de viagem e permanência no Brasil: províncias do Norte. São Paulo: Martins, 1972.
- Livro das Peregrinações*. Belém: Arquidiocese de Belém, 2003.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes.
“Brinquedos de Miriti”.
In: *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, Belém: Cejup, 1995.
- LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. *Revista Projeto história*. São Paulo: PUC, número 17, novembro, 1998.
- LUSTOSA, D. Antônio de Almeida. *Dom Macedo Costa (Bispo do Pará)*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- MAUÉS, R. Heraldo.
“Um julgamento político: notas sobre o caso dos padres e posseiros do Araguaia”.
Comunicações do ISEER 1(2): 31-38. Rio de Janeiro: 1982.
- ____ *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.
- MEIRA, Clóvis. “O Círio no presente e no passado”. *A Província do Pará*. Belém: 17/18 de novembro de 1996, cad. 3.
- MONTARROYOS, Heraldo. *Festas profanas e alegrias ruidosas*. Belém: Falângola, 1992.
- MOREIRA, Eidorfe. *Visão Geo-Social do Círio*. Belém, Imprensa Universitária, 1971.
- NASSAR, Flávio. “Você acha que se deveria tombar a corda como Patrimônio Cultural do Estado?” *O Liberal*. Belém: 1997.
- NETTO, Angelim. “A Festa de Nazareth e o arcebispo Joffily”. *Folha do Norte*. Belém: 1926.
- OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. Belém: Cejup, 1990.
- PANTOJA, Vanda M. L. *A praça pública e a festa sagrada: manifestações culturais e territorialidades móveis no Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Geografia. Belém: Universidade Federal do Pará, 2004.
- ROCQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amazônia Editora Ltda, 1968.
- ____ *História do Círio e da Festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981.
- TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará instantes e evocações da cidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.
- VIANNA, Arthur. “Festas populares do Pará; I – A Festa de Nazareth”. *Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará*, Tomo III. Belém: Secult, 1968.
- WALLACE, Alfred Russel.
Viagens pelos rios Amazonas e Negro. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

ANEXO 1: O TERRITÓRIO DO CÍRIO



O município de Belém, onde se realiza anualmente o Círio de Nazaré, está localizado na região nordeste do estado do Pará, Brasil, na confluência do rio Guamá com a baía do Guajará, que faz parte do sistema hídrico composto pela foz do rio Tocantins, rio Pará, baía de Santo Antônio e baía do Marajó. O território do município é constituído de uma parte continental e de uma insular, composta por cerca de 40 ilhas.

Com uma área de 1.065 quilômetros quadrados (IBGE 2000), Belém está situada na faixa equatorial conhecida como faixa de depressão da Amazônia Central, aproximadamente 160 quilômetros da linha do Equador.

A cidade está a uma altitude de 11 metros acima do nível do mar e edificada, em grande parte, sobre uma ponta de terra

compreendida entre a baía de Guajará e o rio Guamá. Belém faz limites com a baía do Marajó, baía do Guajará, e os municípios de Santo Antônio do Tauá, Ananindeua, Santa Bárbara, Marituba e Acará.

A Região Metropolitana de Belém – RMB, criada pela lei complementar nº 144, de 8 de junho de 1973, foi inicialmente constituída pelos municípios de Belém e Ananindeua. Com a Constituição Federal de 1988, passou a ser de competência dos estados a criação de regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões. Desta forma, por meio da lei complementar estadual nº 27, de 19 de outubro de 1995, a região metropolitana foi ampliada, passando a ser constituída pelos municípios de Belém,

Ananindeua, Marituba e Benevides, acrescida do município de Santa Bárbara, em 1996.

Assim constituída, a RMB possui uma área de 1.827,7 quilômetros quadrados e abriga uma população de 1.870.003 habitantes (IBGE/2000).

O município de Belém é dividido, para fins de gestão, em *distritos administrativos*^{*}. Assim, a cidade de Belém é constituída por oito distritos: distrito administrativo Mosqueiro – DAMOS; distrito administrativo Outeiro – DAOUT; distrito administrativo Icoaraci – DAICO; distrito administrativo Bengui – DABEN; distrito administrativo Entroncamento – DAENT; distrito administrativo Sacramento – DASAC; distrito administrativo Belém – DABEL, e distrito administrativo Guamá – DAGUA.

ROMARIA FLUVIAL E
O MERCADO DO PEIXE.
FOTO: FRANCISCO
COSTA.

Como a área inventariada corresponde apenas à zona continental de Belém, isto significa que, desses oito distritos, apenas seis foram considerados para efeito do inventário do Círio, já que os distritos de Outeiro (DAOUT) e Mosqueiro (DAMOS) estão localizados na zona insular do Município de Belém.

A partir de 1992, com a introdução do pernoite da imagem de Nossa Senhora de Nazaré no município de Ananindeua, as comemorações do Círio extrapolam os limites geográficos de Belém. Sendo assim, o município de Ananindeua foi considerado, para efeito do inventário, como localidade no entorno, pois é dali que a imagem da Virgem de Nazaré sai, no sábado que antecede a procissão principal,

na chamada romaria rodoviária, sendo conduzida até o distrito de Icoaraci, em Belém.

É no âmbito desta configuração sócio-espacial que o Círio de Nazaré de Belém vem se realizando, refletindo em sua exterioridade as releituras que os devotos fazem da conexão entre o tempo histórico e o miraculário da Virgem. E são estas releituras, tecidas num embate constante entre diferentes e, muitas vezes, divergentes visões de mundo, que conferem continuidade a essa prática religiosa, ao mesmo tempo em que conferem sentido às esperanças dos devotos em torno da Virgem. ■

ANEXO 2: LINHA DO TEMPO

1653 Os jesuítas iniciam o culto à Nazaré em Vigia, Pará.

A devoção nazarena teve início em Vigia, mas o Círio como romaria que leva a imagem de um local para outro veio a acontecer neste município somente a partir da metade do século XIX, vários anos após a institucionalização do Círio belenense. Ou seja, apesar da devoção nazarena vigiense ser mais antiga, foi na capital que se realizou o primeiro Círio de Nazaré do Pará.

1700 Plácido “encontra” a imagem de Nazaré, às margens do igarapé Murutucu. Início da veneração em Belém. A casa de Plácido ficava na estrada do Maranhão, ponto de parada para muitos viajantes, o que fez com que a imagem em pouco tempo se tornasse conhecida.

1720 Construção da primeira ermida, na casa do próprio Plácido.

1721 D. Bartolomeu do Pilar, bispo do Pará, teria visitado a ermida na cabana de Plácido.

1730-1744 Construção da segunda ermida, de taipa, por Plácido e pelo devoto Antônio Agostinho.

1773 D. João Evangelista visita a imagem na ermida e providencia para que seja levada com pompa para Portugal, a fim de ser restaurada.

31/07/1774 Retorno da imagem a Belém. D. João Evangelista convoca a cidade para, num ato solene, trasladar a imagem do porto até a sua ermida. Na ocasião, o governo doa uma jeira de terra à imagem, no local onde é aberto o largo, e o bispo solicita a Portugal autorização para

realizar anualmente uma festa em louvor à Nossa Senhora de Nazaré.

1790 Concedida a autorização para a realização da festa de Nazaré.

Francisco de Souza Coutinho assume a presidência da província e visita o *arraial de Nazaré*.

08/09/1793 Realização do primeiro Círio em Belém, devido ao pagamento da promessa do presidente da província.

Para obter a cura de uma doença, Francisco de Souza Coutinho prometeu transportar a imagem em procissão do palácio do governo até à ermida da santa, carregando ele mesmo um círio. Ao se recuperar, convocou os habitantes do interior para a festividade, a fim de realizar no arraial uma feira de produtos regionais. A imagem foi transportada num carro de bois,

MAPA DE BELÉM DE
1791 COM O PERCURSO
DO PRIMEIRO CÍRIO
EM 1793.

1. CATEDRAL DA SÉ
2. LARGO DA SÉ (ATUAL PRAÇA
FREI CAETANO BRANDÃO)
3. FORTE DO PRESÉPIO
4. IGREJA E CONVENTO DE
NOSSA SENHORA DO CARMO
5. PALÁCIO DO GOVERNO.
6. IGREJA DE SÃO JOÃO
BATISTA
7. LARGO DAS MERCÊS (ATUAL
PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO)

8. IGREJA E CONVENTO
DOS MERCEDÁRIOS
9. IGREJA DE SANT'ANA
10. IGREJA E CONVENTO
DE SANTO ANTÔNIO
11. IGREJA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO
12. LARGO DA PÓLVORA
13. IGARAPÉ DO PIRI



no colo do capelão do palácio, sendo acompanhada por cerca de dez mil pessoas. O bispado do Pará estava em vacância.

Itinerário: palácio presidencial, margem do igarapé do Piry, Casa das Canoas (Ver-o-Peso), rua da Praia (avenida Quinze de Novembro), Convento de Santo Antônio, estrada da Campina (Presidente Vargas), Largo da Pólvora (praça da República), estrada do Maranhão (Nazaré) até o arraial.

Nos anos seguintes a festa passou a ser organizada pela Confraria de Nossa Senhora de Nazaré.

1799 Francisco de Souza Coutinho inicia a construção de uma nova ermida.

1800 OU 1802 Inauguração da nova ermida, junto com as solenidades do Círio.

1803 Introdução da alegoria de D. Fuas Roupinho (que gerou o início da devoção à Nazaré em Portugal) na procissão, por ordem da rainha Maria I.

1826 Introdução do *carro dos foguetes* ou *carro precursor* na procissão, com bandeiras de todas as nações católicas.

1835 Cabanos tomam o arraial de Nazaré e a cidade de Belém. Único ano em que não ocorreu o Círio.

1839 O pastor protestante Daniel P. Kidder descreve o Círio.

A procissão passava pelo meio da floresta, pois a área ao redor da estrada de Nazareth ainda não era urbanizada. A ermida se assemelhava a uma casa comum, e as famílias que ficavam no local durante a festa construíam barracas ao seu redor.

1840 Segunda restauração da imagem, ocorrida em Portugal.

1843 A partir desse ano iniciam-se os anúncios de sortes e loterias da festa.

1846 Ocorre o milagre do brigue São João Batista: alguns marinheiros se salvam do naufrágio do brigue num pequeno escaler após invocar a proteção da Virgem de Nazaré. Os sobreviventes prometeram carregar o brigue durante o Círio.

1848 O naturalista inglês Henry Walter Bates descreve o Círio. Segundo Bates, entre as festas religiosas do Pará, a de Nazaré era a mais importante, tendo a presença de todas as autoridades civis, inclusive o presidente da província.

1853 Uma forte chuva na hora do Círio dispersa a multidão, tornando a procissão uma parada militar, visto que as tropas foram obrigadas a prosseguir conduzindo a imagem.

1854 O papa Pio X concede indulgência plenária para todo aquele que acompanhar o Círio descalço.

O Círio é realizado a 22/10, pela manhã, devido aos acontecimentos do ano passado.

1855 Uma epidemia de cólera assola a cidade, mas ainda assim realiza-se o Círio, sendo incluído na procissão o escaler do brigue São João Batista. Muitos vêem a epidemia como um castigo da Virgem, por não ter sido cumprida a promessa de carregar o brigue na procissão. A aglomeração popular aumenta o número de mortos.

Substituição do palanquim que conduzia a imagem e seu portador por uma *berlinda*.

Já não existe a feira de produtos regionais no arraial.

A *corda* é utilizada pela primeira vez, para retirar a *berlinda* de um atoleiro.

1858 O Círio ocorre em 10/10. Anunciam-se diversas atrações para o arraial, incluindo botequins, bailes de máscaras, cosmoramas, polioramas e choques elétricos.

1860 *Fundação da sociedade* do descanso, que alugava cadeiras para aqueles que desejassem ver, sentados, o movimento do arraial.

1867 Proíbe-se o jogo no arraial por meio de edital do subdelegado.

1868 Oficialização da *corda* pela comissão encarregada dos festejos.

1877 O jornal *Diário de Belém* publica matéria que fala de apresentações “indecorosas” e “blasfemas” ocorridas no *pavilhão de Flora*, o que fez Dom Macedo Costa ordenar a imediata suspensão dos festejos. A ermida trancada é invadida e ocorrem ladainhas e toques de sinos. Dom Macedo recusa-se a aprovar a lista da mesa regedora da festa no ano seguinte, por conter nomes de pessoas que participaram na invasão da ermida. A *irmandade de Nazaré* toma as chaves da ermida e depõe o pároco, que transfere a paróquia para a capela do hospital D. Luís I. O governo provincial apóia a irmandade.

A *irmandade de Nossa Senhora de Nazaré* era responsável pela execução da festa desde 1794, mas, segundo o bispo,

MAPA DE BELÉM DE
1905 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 1885.

1. CATEDRAL DA SÉ
2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO)
3. FORTE DO PRESÉPIO
4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E COLÉGIO
DOS JESUÍTAS
5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA (ATUAL PRAÇA
DOM PEDRO II)
6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ)
7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS
8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA
9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO
10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO)
11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS
12. IGREJA DE SANT'ANA
13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA)
15. TEATRO DA PAZ
16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ – CAN)
17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT



jamais tinha sido regulamentada pela Igreja. Alguns dos membros da mesa regedora eram maçons, e isso acirrou a intolerância do bispo para com a mesa e vice-versa, devido aos ecos da *questão religiosa*.

1878 Perpetuação da *questão nazarena*; a nova matriz de Nazaré é concluída, e o presidente da província determina que o prédio seja entregue à Irmandade. O bispo proíbe a realização do Círio. Ocorre o Círio Civil, sem a participação de padres, mas com grande pompa, a 6/10, o que é considerado pela Igreja Católica uma profanação.

1879 A Assembléia provincial aprova projeto autorizando a entrega da nova igreja à diocese, mas o presidente da província não sanciona a lei.

Realiza-se o segundo Círio Civil.

1880 À véspera do Círio, soluciona-se a questão entre a irmandade e o arcebispo, decidindo-se que a lista da mesa regedora das festividades seria composta de uma comissão civil e uma eclesiástica e que os festeiros acatariam as orientações de Dom Macedo Costa. O Círio se realiza sem problemas, com a presença do arcebispo e seu cabido na procissão.

Dom Macedo Costa determina que a imagem deve ir sozinha na *berlinda*.

1885 Atralam-se cavalos à *berlinda*, mas, na hora da procissão o povo retira os cavalos e faz questão de puxá-la.

Itinerário: frente do Palácio, travessa da Rosa, praça da Sé, calçada do Colégio, travessa da Companhia, rua da Imperatriz,

praça e rua de Santo Antônio, rua da Trindade, praça de Sant'Anna, rua de São Vicente, travessa dos Mirandas, praça de Pedro II, estrada de Nazareth, até à igreja.

1890 O Círio sai da Igreja de Santo Alexandre. A capela do palácio é fechada devido à posse dos republicanos.

1891 Itinerário: Igreja de Santo Alexandre, largo da Sé, rua Dr. Assis, travessa da Vigia, praça da Independência, avenida e rua Quinze de Novembro, praça Visconde do Rio Branco, rua da Indústria, largo e rua de Santo Antônio, rua da Trindade, rua do Rosário, travessa Quinze de Agosto, largo da Pólvora, estrada e largo de Nazaré.

1892 A grande atração do arraial foi um boi gigantesco, apelidado “boi-monstro”, que ao fim da festa foi sacrificado e comido.

Itinerário: largo da Sé, rua Dr. Assis, travessa da Atalaia, rua Dr. Malcher, travessa da Vigia, praça da Independência, avenida e rua de Santo Antônio, rua da Trindade, rua do Rosário, travessa Quinze de Agosto, largo da Pólvora, estrada e largo de Nazaré.

1901 Dom Francisco do Rêgo Maia fixou o segundo domingo de outubro como a data oficial do Círio.

1902 Número estimado de pessoas que assistiram ao Círio: 25 mil.

1907 Três salões de cinematógrafo no arraial.

1909 Euclides Faria compõe *Vós Sois o Lírio Mimoso*, hino oficial do Círio.

1910 Chegada dos carroséis americanos, a grande atração do arraial.

Organizada oficialmente a *diretoria da festa*, acabando a irmandade, que até então organizava a festa.

1916 Introduz-se na romaria um carro especialmente para recolher as promessas, para que estas não sejam arremessadas no *carro dos milagres*, com a alegoria de Dom Fuas e do brigue São João Batista.

Pela primeira vez, o espaço dentro da *corda* foi utilizado pelas autoridades.

1918 Devido à epidemia de gripe espanhola, a *diretoria da festa* adia a conclusão dos festejos nazarenos, assim como a Festa de Nazaré, que

deveria ocorrer no último domingo de outubro.

1920 Inaugura-se a Basílica de Nazaré atual e a imagem *original* é transferida para lá.

1922 Separam-se homens para um lado da *corda* e mulheres para o outro. Na saída da *trasladação*, a imagem tombou dentro da *berlinda*.

1923 O vigário de Nazaré exige que os fiéis tragam cera de boa qualidade. A Igreja de Nazaré recebe título de Basílica.

1924 Separa-se uma *corda* para os homens e outra para as mulheres.

1926 Expedida por D. Irineu Joffily, arcebispo do Pará, a Circular nº 5 definia basicamente o seguinte: instituição de cortejo dividido em

MAPA DE BELÉM DE
1905 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 1891

- | | |
|---|---|
| 1. CATEDRAL DA SÉ | 10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO) |
| 2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO) | 11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS |
| 3. FORTE DO PRESÉPIO | 12. IGREJA DE SANT'ANA |
| 4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E
COLÉGIO DOS JESUÍTAS | 13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO |
| 5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
(ATUAL PRAÇA DOM PEDRO II) | 14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA) |
| 6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ) | 15. TEATRO DA PAZ |
| 7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS | 16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ – CAN) |
| 8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA | 17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ |
| 9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO | 18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT |



MAPA DE BELÉM DE
1905 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 1892.

- | | |
|---|---|
| 1. CATEDRAL DA SÉ | 10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO) |
| 2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO) | 11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS |
| 3. FORTE DO PRESÉPIO | 12. IGREJA DE SANT'ANA |
| 4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E
COLÉGIO DOS JESUÍTAS | 13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO |
| 5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
(ATUAL PRAÇA DOM PEDRO II) | 14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA) |
| 6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ) | 15. TEATRO DA PAZ |
| 7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS | 16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ – CAN) |
| 8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA | 17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ |
| 9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO | 18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT |



alas de colégios e associações pias, substituição dos carros por andores, abolição da *corda*, da marujada, dos promesseiros vestidos de anjos e santos, de cavalos, carros e automóveis, determinação de que as promessas deviam ser entregues na basílica, e não levadas na procissão. Sendo as mudanças muito contestadas, este foi considerado um dos Círios mais violentos de que se tem notícia. É enviado um abaixo-assinado ao arcebispo pedindo a manutenção das tradições.

1928 Durante a procissão, alguns guardas civis cometeram violências contra o povo, ao entrar a procissão na rua João Alfredo.

Itinerário: rua Pedro Rayol, João Alfredo, rua Santo Antônio, avenida Quinze de Agosto, praça da República e avenida Nazaré.

1931 Dom Irineu Joffily deixa o Arcebispado do Pará. A pressão popular, aliada à intervenção populista do interventor Magalhães Barata resulta no retorno da *corda* e da *berlinda* ao Círio. A *corda* é restaurada, porém mais reduzida, sendo puxada em comissões de 40 a 50 pessoas.

Itinerário: praça da Sé, Pedro Rayol, praça. D. Pedro II, dobrando no Ver-o-peso em direção ao *boulevard* da República, até a avenida Quinze de Agosto, praça da República e avenida Nazaré até a basílica.

1936 Jogos proibidos no *arraial*.

Primeira homenagem do Sindicato dos Estivadores.

1937 Estimativa de mais de 200 mil pessoas no préstito.

1938 O *arraial* começa a funcionar uma semana antes do início da festa. Os barraqueiros chegam a sugerir que a festa se prolongue para que obtenham maior lucro.

1947 Descendentes da família imperial brasileira tomam parte no Círio.

Ainda se anuncia a *sociedade do descanso*.

1949 Chegam a Belém grandes aviões trazendo artistas para o *arraial* e romeiros para o Círio de Nazaré.

1951 Os trajetos da *transladação* e do Círio são modificados para que a imagem passe em frente aos palácios da administração estadual e municipal para ser homenageada.

Itinerário: rua Pedro Rayol, praça. D. Pedro II (passando em frente aos palácios do governo e

da prefeitura), avenida Portugal, avenida Quinze de Novembro, travessa Frutuoso Guimarães, *boulevard* Castilhos França, avenida Quinze de Agosto, praça da República, avenida Nazaré até a basílica.

1961 No período que compreende a *trasladação* e o Círio é decretada a “lei seca”. Jogos de azar novamente proibidos no arraial.

1963 Envia-se a *berlinda* tradicional para São Miguel do Guamá e usa-se na *trasladação* e no Círio uma nova, de linhas simples, o que provoca grande descontentamento. Governador envia carta à *diretoria da festa* pedindo a volta da *berlinda* antiga. Último anúncio de teatro no arraial durante a quinzena, espetáculo da Rádio Marajoara. Encomendada uma cópia da

imagem *original* para substituir a do Colégio Gentil Bittencourt, que é muito diferente da original.

1964 *Berlinda* que vai na procissão é nova, mas semelhante à antiga, conduzida em uma carreta adaptada para esse fim.

1966 Aproximadamente 400 mil pessoas participam deste Círio; início da utilização dos crachás para quem ia dentro da *corda*; *corda* começa a ser controlada por apito.

Pela primeira vez é utilizada na procissão a imagem *peregrina*, cópia da imagem encontrada por Plácido. Encomendada pelo vigário Miguel Giambelli ao escultor italiano Giacomo Mussner, substituiu a imagem do Colégio Gentil Bittencourt que, até o ano anterior, saíra na procissão.

1968 Pela primeira vez em um século, a imagem original fica exposta durante a quinzena para veneração pública. Três ministros da República presentes, além de outras autoridades.

1970 O presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici assiste à *trasladação* e ao Círio.

1971 Rompe-se a *corda* com as autoridades, e estas se misturam com o povo. Assembléia Legislativa do Pará, por meio da Lei 4.371, de 15/12, declara Nossa Senhora de Nazaré padroeira do Pará e rainha da Amazônia.

1972 Início das peregrinações da imagem nas casas dos paroquianos.

MAPA DE BELÉM DE
1905 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 1928.

1. CATEDRAL DA SÉ
2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO)
3. FORTE DO PRESÉPIO
4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E
COLÉGIO DOS JESUÍTAS
5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
(ATUAL PRAÇA DOM PEDRO II)
6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ)
7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS
8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA
9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO
10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO)
11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS
12. IGREJA DE SANT'ANA
13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA)
15. TEATRO DA PAZ
16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ – CAN)
17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT



MAPA DE BELÉM DE
1905 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 1931.

- | | |
|---|---|
| 1. CATEDRAL DA SÉ | 10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO) |
| 2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO) | 11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS |
| 3. FORTE DO PRESÉPIO | 12. IGREJA DE SANT'ANA |
| 4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E
COLÉGIO DOS JESUÍTAS | 13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO |
| 5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
(ATUAL PRAÇA DOM PEDRO II) | 14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA) |
| 6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ) | 15. TEATRO DA PAZ |
| 7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS | 16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ - CAN) |
| 8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA | 17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ |
| 9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO | 18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT |



1975 Os brinquedos eletrônicos dominam 80% do Arraial. Proibida a venda de bebidas de alto teor alcoólico. Estimativa de participantes: 400 mil. Criação da *guarda de Nossa Senhora*, com a responsabilidade de conduzir e guardar a *berlinda* e zelar pela disciplina da *corda* e do arraial.

1976 Participação de aproximadamente 500 mil pessoas no Círio.

1977 Paratur monta arquibancadas na avenida Presidente Vargas para turistas assistirem à procissão; presença de arcebispos de outros estados, bem como de autoridades.

1978 Realização da primeira *feira das filhas da Chiquita*.

1979 O presidente do Brasil, João Figueiredo, acompanha o Círio.

Estimativa de participantes: 700 mil.

1980 Aproximadamente 800 mil pessoas participam da procissão. Lançamento de carimbo comemorativo do Círio de Nazaré. Os crachás para entrar na *corda* são substituídos por convites especiais distribuídos pela *diretoria da festa*. O papa João Paulo II abençoa o povo paraense com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

1981 Três *cordas* no Círio: a que puxa a *berlinda*, a das autoridades e a que fica ao redor dos carros dos milagres. Início da atuação da Cruz Vermelha no apoio ao Círio; manifestações do Movimento para a Libertação dos Presos do Araguaia durante a procissão.

1982 Inauguração do Conjunto Arquitetônico de Nazaré – CAN, ou praça Santuário, no dia 8/10; arraial se muda do largo para as transversais; manifestações do Movimento para a Libertação dos Presos do Araguaia durante a procissão; número de participantes: 800 mil.

1983 Introdução da *corrida do Círio*, em 6/10; o *carro dos foguetes* é retirado da procissão, devido ao perigo de atingir prédios e mangueiras, substituindo-o por toque de clarins e banda. A *corda* mede 300 metros. Pelo terceiro ano consecutivo, o Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia manifesta-se durante a procissão.

1985 José Sarney, presidente da República, assiste ao Círio em Belém; Sindicato dos Estivadores faz homenagem surpresa a Tancredo Neves; ocorrem na procissão protestos pela reforma agrária, pelos direitos dos negros e propaganda política.

1986 O *museu do Círio* é inaugurado em 9/10; início da *romaria fluvial*, por iniciativa da Paratur. Realização da primeira *missa do mandato*.

1987 Protestos durante a procissão, pela reforma agrária e contra o envio de lixo nuclear para a Serra do Cachimbo.

1988 Estabelecimento definitivo do itinerário atual da *trasladação*, que é o mesmo do Círio, no sentido inverso.

1989 Criação da *romaria rodoviária*.

1990 Início do *círio das crianças*.

Criação da *romaria dos motoqueiros*; a imagem achada por Plácido, sua coroa e seus mantos foram tombados pelo governo estadual, por meio da Lei 5.629, de 20/12.

1991 As autoridades não acompanham mais o Círio dentro da *corda*; estimativa de mais de um milhão de pessoas na procissão. Presença do príncipe Antônio Orléans de Bragança; realização do primeiro *festival da canção mariana*.

1992 Pela primeira vez, a *berlinda* vai à frente da procissão. Por ser este o ano do aniversário de 200 anos do Círio, é a imagem *original* que sai às ruas; é inaugurado o marco comemorativo; estimativa de 2 milhões de pessoas na procissão.

1993 Realização do primeiro *auto do Círio*.

1995 Realização do primeiro *concurso de redação*.

1999 Introdução do *arrastão do boi pavulagem* na programação cultural da Festa de Nazaré.

MAPA DE BELÉM DE
1905 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 1951.

1. CATEDRAL DA SÉ
2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO)
3. FORTE DO PRESÉPIO
4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E
COLÉGIO DOS JESUÍTAS
5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
(ATUAL PRAÇA DOM PEDRO II)
6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ)
7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS
8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA
9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO
10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO)
11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS
12. IGREJA DE SANT'ANA
13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA)
15. TEATRO DA PAZ
16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ – CAN)
17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT



MAPA DE BELÉM DE
1996 COM O PERCURSO
DO CÍRIO DE 2002.

- | | |
|--|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. CATEDRAL DA SÉ 2. LARGO DA SÉ
(ATUAL PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO) 3. FORTE DO PRESÉPIO 4. IGREJA DE SANTO ALEXANDRE E
COLÉGIO DOS JESUÍTAS 5. PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA
(ATUAL PRAÇA DOM PEDRO II) 6. PALÁCIO DO GOVERNO
(ATUAL LAURO SODRÉ) 7. PALÁCIO ANTÔNIO LEMOS 8. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA 9. CONJUNTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO | <ol style="list-style-type: none"> 10. LARGO DAS MERCÊS
(ATUAL PRAÇA VISC. DO RIO BRANCO) 11. IGREJA E CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS 12. IGREJA DE SANT'ANA 13. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO 14. LARGO DA PÓLVORA
(ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA) 15. TEATRO DA PAZ 16. PRAÇA JUSTO CHERMONT
(ATUAL CENTRO ARQUITETÔNICO
DE NAZARÉ – CAN) 17. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ 18. COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT |
|--|---|



2000

Realizou-se o Círio mais demorado de todos os tempos. A imagem da Virgem de Nazaré chegou à basílica às 15:45h. A *corda* ficou atrelada à *berlinda* o tempo todo, tanto na *trasladação* como no Círio.

2002 Alterado o trajeto do Círio que passou, excepcionalmente, pela rua João Alfredo em vez de pelo *boulevard* Castilhos França, em decorrência de incêndio ocorrido, pela manhã, na Casa Chamma, localizada no edifício do Mercado de Carne, próximo ao Mercado de Peixe, justamente em frente ao local onde a *corda* fica aguardando a santa. Assim, a santa acabou chegando ao Conjunto Arquitetônico de Nazaré (CAN) sem a *corda* que, por sua vez, foi chegando aos poucos, já aos pedaços.

*Este livro foi produzido
na primavera de 2005 para o
Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional.*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA NORONHA SANTOS

Círio de Nazaré. – Rio de Janeiro: Iphan, 2006.
101 p.: color., plantas; 25cm. – (Dossiê Iphan; 1)

ISBN 85-7334-024X
Bibliografia: p. 80-81.

1. Patrimônio imaterial. 2. Festas religiosas. 3. Círio
de Nazaré. I. Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico Nacional. II. Série.

Iphan/RJ

CDD – 06.0981